

VOL. VII AGOSTO E SETEMBRO DE 1902 N.º 8 E 9

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

PRÆHISTORIA — EPIGRAPHia



MUSEUMATICA — ARTE ANTICA

Veterum solvens monumenta virorum

LISBOA
IMPRESSA NACIONAL
1902

SUMMARIO

UM PASSEIO ARCHEOLOGICO NO CONCELHO DOS ARCOS DE VALDEVÊZ:
193.

ESPADAS ANTIGAS: 209.

ESTUDOS DE NUMISMATICA COLONIAL PORTUGUESA: 210.

ANTIGUIDADES DOS ARREDORES DE EVORA: 218.

UM INVENTARIO DO SECULO XIV: 223.

MOEDA INEDITA DE 45400 RÉIS DE D. AFFONSO VI: 234.

EXTRACTOS ARCHEOLOGICOS DAS «MEMÓRIAS PAROCHIAES»: 237.

Este fasciculo vae illustrado com 17 estampas.



O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAES E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. VII

AGOSTO E SETEMBRO DE 1902

N.º 8 E 9

Um passeio archeologico
no concelho dos Arcos de Valdevéz

De 1893 datam as minhas primeiras excursões archeologicas pelo concelho dos Arcos de Valdevéz. Aguçára-me o appetite a travessia da *Chã do Mezio* nas épocas da popular romagem da *Senhora da Peneda*, santuario escondido numa profunda anfractuosidade das serras da *Gaviêira*. Nessa chã, pela beira do caminho, as antas ora se encontram, ora se avistam, destacando os seus contornos mamiformes, hemisphéricos, sobre a arida planura da montanha, apenas forrada de tojo rasteiro e fetos bravos. Por menos que se fosse lido nos costumes dos povos, que nos legaram estes restos solennes do seu culto pelos mortos e das suas crenças immateriaes, o esplendido planalto do *Mezio*, senhoreando larguissimo horizonte, que dilue imperceptivelmente as suas ultimas balisas pelas longes nebrinas do ceu, insinuava o evocar d'essas idades mysteriosas, que desafiaram com suas obras a furia cega e inelmente das tempestades de vária especie, desencadeadas ha tantos seculos.

O indolente chouto dos machos que, graças á firmeza das suas exiguas e curtas patas, incapazes porém de vacillarem sobre a aresta de um calhau ou de resvalarem no lagado de uma calçada, são as cavalgadas preferidas pelos frequentadores d'aquella celebre romaria, dava-me tempo a relancear a vista pelas suaves ondulações da elevada charneca, e a lobrigar por ella fóra as antas desmontadas, que sobrepujam nutridas mamôas. Abeirando-me d'ellas, sentia-me invadir d'aquella indefinida nostalgia de tempos que nenhum de nós viveu, de épocas em que nenhum de nós conheceu, e que nos permanecem encerradas num segredo quasi impenetravel. Mas depois, cada um de nós que pensa desvanecido no nosso progresso, no porvir da nossa raça, considera-se



humilhado por motivo da incapacidade para também transpôr, com monumentos da nossa mão e do nosso genio, apenas meia dúzia de seculos, ao olhar aquelles rudes mausoleus de grandes povos, que aliás passaram com o mais magestoso desprezo da sua missão historica e na mais feliz inconsciencia de quejandas preocupações da civilização. E não obstante, ainda hoje nos torturam, e victoriosamente, com a ansia de sabermos quem eram elles e de onde vinham; legando-nos os seus esqueletos; que lingua fallavam, mostrando-nos a sua escrita rupestre; que crenças professavam, insculpindo as pedras informes; que genero de luta pela vida lhes occupava a existencia, entesourando-nos cuidadosamente as suas armas, a sua ceramica, as suas joias, as suas insignias.

Estas reflexões sempre me povoavam o espirito quando, ao atravessar debaixo de um sol descoberto as nuas serras d'aquelle meu concelho, noutros tempos provavelmente uberrimas de vegetação, encontrava restos da antiguidade, a principio sem intento de mais do que de os ver, e depois, irresistivelmente, com o plano bem determinado de os estudar e registar, esquadrinhando-lhes recessos.

Foi assim que, por um despertar lento de natural curiosidade, comecei a archivar em repetidas digressões os sinais que pelo concelho ainda apparecem das civilizações archaicas. Ora pesquisava, guiado pelo onomastico, como na *Chã de Arcas*, na *Serra da Anta*, ora me dirigia pela suspeita em que me punham a situação e relevo de uma eminencia, umas vezes por informação ou noticia alheia, outras quasi a esmo, sem motivo definido. Muitas mamôas encontrei que não podiam reconhecer-se a mais de 20 metros de distancia; tão deprimidas e arrasadas que ninguem as via. Claro é que isto acontece sempre nas regiões accidentadas ou nas povoadas.

D'estes trabalhos resultou a ideia de um reconhecimento archeologico do concelho, reconhecimento que, se não é completo na parte que abrangeu, vem em todo o caso revelar a positiva existencia de restos de grande numero de monumentos megalithicos numa região onde apenas eram conhecidos uns seis¹.

Não vae ainda pois acabada a tarefa, e por isso não a acompanho de uma carta archeologica, que ficaria incompleta. Não pude até agora percorrer senão as montanhas da margem esquerda do Vêz e não todas;

¹ Seis antas na Chã do Mezio regista o meu amigo dr. Leite de Vasconcellos na sua «Excursão ao Soajo» em 1882; o *Minho Pictórico* dá-nos a gravura de outra do mesmo local, que provavelmente é uma das seis, porque varias se acham á borda do caminho.

são extensas, desertas e por vezes asperas e invias. A cada eminencia que se alcança, parece que a terra logo se dobra e desdobra; surgem para deante outros accidentes imprevisos, córregos atulhados de penedia, ingremes quebradas desnudas, ou manchadas de giestas arborescentes, etc. E o dorso das serras, as chãs das cumeadas, as portellas ou passadouros dos altos, é indispensavel calcurreá-los todos, aos zigue-zagues, procurando as mamôas como quem procura agullia em palheiro. É nesses pontos que principalmente se encontram megalithos.

Da margem direita não conheço as montanhas; sei que ha tambem por lá muito que notar, mas d'esse lado os relevos são menos penhascosos e mais suaves, e a região tem menos de deserta que a outra. O reconhecimento deverá ser menos fatigante.

Não me occupo agora senão das antas. A descripção dos castros, tambem numerosos, fica adiada sem compromisso de tempo. É util seria fazer o estudo paralelo d'estas antiguidades.

Antes de começar, porém, o inventario d'aquelles monumentos, farei algumas considerações que os abraçam num volver de olhos geral.

Em primeiro lugar não pude encontrar nenhuma denominação generica que a voz do povo applicasse ás antas. Casas dos mouros, thesouros ou colleiros d'elles, cortelhos... são os termos que encontrei na gente analphabeta e na illustrada.

E, comtudo, ha no onomastico uma *Serra da Anta*, a qual tem os restos de um megalitho que já ninguém conhece pela nomeada propria; ha uma *Chã das Arcas*, onde encontrei dois grupos de mamôas tambem ignoradas, uma *Bouça da Anta*, uma *Leira de Anta* (*Leira Dantes*, cfr. S. Paio Dantes, citado por M. Sarmiento), etc.¹ Estes termos ficaram pois no onomastico, mas a sua intelligencia perdeu-se pelo menos em algumas regiões². De onde se poderá inferir, que este phenomeno está ligado a causas locais, hoje indecifráveis. A natureza

¹ Por um documento, tive noticia de um ponto chamado *Alto da Arca de Sangra*, que ainda não pude visitar. O termo *modorra* existe tambem, mas locativamente, applicado a um castro da freguesia de Eiras, Villa-Amil (*Castros y mamons de Galicia*, pag. 201), refere-se a um castro gallego, denominado *Modorra dos Mouros*. Em Aljô chamam *modorras* ás antas (*Arch. Port.*, iv, 181). Vejam-se as *Religiões da Lusitania*, por Leite de Vasconcellos, i, 251 sqq.

² Isto não succede com os castros. Embora o povo hoje não saiba afirmar nitidamente que foram povoações (em alguns talvez só temporarias), uma sombra de tradição ainda parece reconhecer-se no contar que, entre castros fronteiros,

funerea d'esses monumentos tambem de todo se obliterou da memoria das populações. E aqui o facto é mais generico. Parece que houve um hiato historico dilatado entre a epoca do levantamento, utilização e reconhecimento das antas e uma civilização ulterior mais ou menos distanciada, que inteiramente ficou ignorando o verdadeiro destino dos megalithos. As tradições, d'esta forma, extraviaram-se por completo. O assunto é digno de meditar-se¹.

O concelho dos Arcos de Valdevêz tem uma badisagem natural pela orista das vertentes todas de um só rio, o Vêz. É de certo uma singularidade topographica. Este rio, affluente do Lima, reúne exclusivamente aguas da orographia do concelho. Os castros estenderam-se ao longo das alturas que mais de perto cingem o valle primario, tal como linhas parallelas de fortificações que se escalonassem para defender os aditos d'esta região de serras. Os castrejos procuravam a contiguidade das veigas ferteis que atapetam o fundo do valle e que o esteiro do Vez refresca, para nellas exercerem a agricultura ou pastorearem os rebanhos. Reservaram em regra as alturas para as suas moradias e quiçá as sombras das frondentes montanhas para asylo de seus mortos. É uma lembrança commovedora e que dogmatiza bem a dignidade do homem perante a natureza: a do culto piedoso e solemne que os povos, ainda no inicio das civilizações, prestaram aos seus defuntos. E é isso o que d'elles nos ficou. Póde bem dizer-se que principalmente a archeologia prehistorica é uma grandiosa elegia.

Mas regressemos d'estes devaneios, que em todo o caso não são pura fantasia, e olhemos para as antas que dormem abandonadas nas montanhas d'este concelho.

Ou porque tenham desaparecido das baixas, não deixando mais vestigios que os toponimicos, ou porque de facto não tenham jamais lá existido, o que é certo é que as antas de maiores dimensões não se vêem senão nas mais elevadas altitudes do systema orographico do concelho; ali tambem os seus constructores encontravam já soltas e inadherentes pela acção do tempo as grandes lages com que capeavam

havia rivalidades e combates. Como é preciso que o archeologo se não deixe fascinar pela apparencia archaica de uma tradição, devo dizer que no concelho dos Arcos, no seculo xvii, pela invasão do exercito de Pantoja, enquanto os hespanhoes avançavam por uma margem do rio, os portuguezes iam-nos incomodando pela outra, ferindo-se por vezes alguns combates de um contra o outro lado onde se encontram castros. O que ha a favor da tradição archaica, é que esta tradição tambem existe noutros pontos, por exemplo, na Galliza. (Villa-Amil, *Castros y muros de Galicia*, pag. 197 e 205).

¹ Cfr. *Religiões da Lusitania*, por Leite de Vasconcellos, I, 258.

essas camaras sepulcraes. O transporte não offerecia insuperaveis embaraços, nem pela distancia, nem pelas escabrosidades do terreno. (Cfr. Cartailhac, *Les âges préhistoriques*, pag. 152 e 156).

Nas eminencias inferiores e em situações proximas de alguns castros, topam-se antas de menores proporções, tanto pelo que respeita á mamão, como ao dolmen propriamente dito. A região é menos aspera, os granitos menos denudados e portanto menos expostos á poderosa corrosão do gelo e das chuvas. Os grandes calhaus teriam de ser tallados na rocha viva e arrancados; só os de dimensões medianas é que poderiam encontrar-se quasi aparelhados.

Todas as antas são constituídas por pedras que não tem o menor sinal ou vestigio de trabalho humano nas faces externas.

a) *Chã das Arcas* (4 antas):

Foi a toponymia do lugar que me levou a procurar as antas da portella assim denominadas (vid. *Religiões da Lusitania*, por Leite de Vasconcellos, pag. 254, Cartailhac, *ibid.*, pag. 147 sqq. e *Arch. Port.*, 1, 350). Não me enganei na minha presumpção¹. A *Chã das Arcas* occupa um local situado entre os marcos designados na carta geodesica n.º 4 com as cotas 443 (*Penacora*) e 471 (*Cumieira*), e na geographia administrativa do concelho está situada nos limites das freguesias de *Grade*, do *Valle* e de *S. Pajo*. Marca um ponto da linha divisoria das aguas do *Vêz* e do *Lima*. Contiguo lhe fica o *Côto da Pena*, castro de que restam alguns vestigios². Quanto a antas, encontram-se, descendo d'este alto, quatro pequenas mamões em dois grupos distanciados cõrca de 700 metros. O grupo mais proximo do castro da *Pena* compõe-se de duas pequenas mamões quasi contiguas, tendo de altura 1 metro a 1^m,5. Em Setembro de 1895, que foi quando visitei este sitio, já só existia um dos tranqueiros de uma das antas. No lugar da camara restava apenas uma depressão ou escavação. A mamão era

¹ Não quero com isto significar que alguém na região dê o nome de *arcas* aos dolmens. Se na realidade, estas *arcas* eram monumentos prehistoricos ou marcos não o juro. Divisão territorial que alli houvesse, desconheço-a. Naquelle ponto tocam-se as terras de duas freguesias, que se chamam *S. Pedro das Arcas* (hoje N.º S.º do Valle) e *S. Pajo das Arcas*, aquella anterior á monarchia, esta muito antiga tambem. Se *arcas* e *arcas* tivessem o mesmo sangue etymologico, estava explicado o nome da villa dos Arcos de Valdevêz, cuja sêde é *S. Pajo das Arcas* e sobre cuja origem se tem fantasiado a capricho. Tem a palavra os cavadores d'estas linhagens da palavra.

² Para a banda do norte distinguem-se ainda dois ou tres patamares caracteristicos: e no alto, do mesmo lado, alicerces de um lanço de muro, entre dois penedros.

constituída de terra á mistura com cascalho graúdo. Em uma d'ellas informaram-me que, havia pouco, tinha sido inhumado um touro... Aviso a surpresas de exploradores incautos.

Do chão recolhi um caco grosseiro e um fragmento de utensilio de pedra (gneiss alterado) obtido na natureza, mas com signaes de aproveitamento pelo homem. Lembra os do *castello de S. Miguel-o-Anjo* (*Arch. Port.*, I, 6). Não podia provir do castro proximo por transporte natural. Havia ao lado d'este grupo uma pequena elevação de terra, que deixava duvidas acêrca da sua definição. Poderia ter sido uma mamôa arrasada e desfeita.

O segundo grupo compõe-se de outras duas mamôas, distantes uma da outra uns 100 metros. São das mesmas dimensões e do mesmo aspecto que as anteriores. Roubadas as pedras. Este grupo acha-se a NO. do marco geodesico 471 (*Cumieira*).

b) *Chã do Torrão* (3 antas):

Visitei este sítio da freguesia de Gondoriz¹ em Agosto de 1895. D'elle se desfruta vasto panorama. A este tempo pois se refere o estado dos monumentos que descrevo.

No mappa geodesico n.º 1 deve collocar-se esta chã entre os pontos 350 (*Selim*) e 415 (abaixo e a O. de *Villa-Bou*), no caminho de *Bou-Vista* (O. de *Selim*) para este ponto 415. Á distancia de dois kilometros existe um lugar, ainda hoje habitado, com o nome de *crasto*. Se não fosse esta circumstancia, não se lhe reconheceriam signaes d'aquillo que provavelmente foi.

São tres as mamôas d'este grupo. A mais meridional é um pequeno *tumulus* de terra misturada com cascalho. Desappareceram já as pedras da anta e ficou só a depressão central, como corpo de delicto do sacrilegio.

A segunda mamôa, tambem violada, encontra-se a 80 metros da primeira, mas está tão junta á terceira e ultima que os perimetros

Á superficie da terra topam-se alguns restos ceramicos, analogos na pasta aos de outros castros. Nos flancos informaram-me que tem apparecido enterrados *porrões* com cinzas (urnas funerarias). Ha a lenda do *olho marinho* (como em outras estações); isto é, não se pode cavar em determinado ponto, defronte do ribeiro de *Carralcova* (que se avista), com risco de rebentar um olho de agua. Prende-se-lhe tambem a *tradição de luta* com os *Crastos do Valle*, que lhe ficam a distancia e em situação inferior para sul. A denominação de *Côto da Pena* parece conservar a memoria de alguma pedra porventura com valor archeologico, mas que hoje em vão se procura.

¹ Na bôca do povo é Gundriz (de *Gunderici*).

das duas se cortam. O meu guia, a quem eu acabava de explicar o destino d'estes monumentos, que para elle eram thesouros do tempo da mourama, commentou, ao ver estas duas mamôas:

—Então, senhor, isto aqui era marido e mulher!

No concelho não conheço segundo exemplar d'esta especie de geminação de mamôas.

Tem cada uma a circumferencia de 70 metros e a altura de 1 metro a 1^m.5, o que quer dizer que são das mesmas dimensões que as da *Chã das Arcas*. Do chão recolhi fragmentos ceramicos, sem ornamentação alguma, trabalhados á roda, mas de pasta e aspecto claramente archaicos.

c) *Alto ou Chã do Mezio*¹ (16 antas):

O *Mezio* é uma vasta portella, uma larga e alta chã, flanqueada aproximadamente a NE. e SO. pelos montes do *Guidão* (1:217 metros) e do *Gião* (798 metros), e atravessada pelo caminho de *Cabana-Maior* para *Soajo*. O seu relevo contem-se nas cotas maximas de 728 e 716 e na minima de 640, ponto exactamente obtido na trajectoria d'aquelle caminho. (*Vide* Carta n.º 1 da Commissão geodesica). É uma situação elevada e, para quasi todos os lados, a vista é soberba e o horizonte dilatado. O estuario do Lima fica-lhe a SE., e d'alli se observa como este pittoresco rio, depois de serpentear por entre serras de tortuosos flancos, vae adormecer ao longe em manso e estirado leito pelas veigas da Correlhã até ao Oceano².

As notas que se seguem foram por mim tomadas num minucioso exame que passei ás mamôas do *Mezio* em Outubro de 1895. Havia dois annos porém que eu já tinha descoberto algumas.

As antas do *Mezio* podem marcar-se na referida carta desde um ponto a E. da cota 728, seguindo pelas dos n.ºs 661 e 640 até proximo

¹ *Mezio* ou *Homezio* é antigo termo português, que ficou no onomastico nacional. Não é este o unico *Mezio*. Pode ver-se: *Elucidario*, s. v., «omizio»; *Revista Lusitana*, I, 52; *Panorama*, II, 379; *Historia de Portugal*, de Schaeffer, I, 250. Em *Acta* chamam gado do *Almezio* (vid. *Revista Lusitana*, IV, 227) ao gado do monte. Em Castro-Daire e Lamego ha *Mezios*.

² Não sei se é ás antas do *Mezio* ou a outros vestigios que ainda não topei, que Fr. Lourenço do Valle, amigo de Cenaculo, se quer referir em uns manuscritos existentes na Bibliotheca de Evora, segundo apontamentos do meu amigo Leite de Vasconcellos: «Hoc etiam mire vidi in monte *Homezio*, juxta Soajo. Ampliora sunt igitur aedium, terra sub gravi carbonibus, lateribusque vestigia fortuito delecta fossoribus, et quae quondam fuisse incendio sepulta testantur».

do ponto 716. É uma linha um pouco encurvada, mas orientada proximamente de N. para S.

São quinze as antas que lá encontrei: um polyandrio em ponto reduzido. Infelizmente todas saqueadas e muitas destruídas; a triste mamão com a excavação central. Castro algum lhe fica próximo; é já a região da montanha inculta, em outro tempo talvez coberta de frondoso bosqueado¹.

Começarei a descripção d'estes monumentos pelo mais septentrional, ao fundo do elevado cone do *Guidão* (1:217 metros).

1.^a Mamão de terra e sarulho, como todas as outras; mede de circumferencia 59 metros e de altura ao centro 2 metros sobre o nivel do terreno circumjacente. As alturas d'estes monumentos foram calculadas por estimativa; os circuitos foram medidos á fita metrica com o possivel rigor.

A anta acha-se destruída e destroçada, com excepção de dois dos esteios ou tranqueiros.

2.^a A mamão tem as mesmas dimensões.

Existem as ruínas da anta, cuja tampa mede $2^m,10 \times 1^m,50$. Distia da anterior 500 metros *plus minus*².

3.^a A circumferencia do monticulo artificial dá 30 metros; a altura approximadamente é de 1 metro. Nem uma só pedra escapou. Fica a 70 metros da anterior.

4.^a É a melhor de todas. Encontra-se a 40 metros da antecedente, para SE. Conserva-se a mamão com seus 59 a 60 metros de circuito e a crypta figurada na fig. 1.^a (corte e planta nas figs. 2.^a e 3.^a). Quando se avista esta mamão nada faz suspeitar a conservação da camara sepulcral, porque está inteiramente enterrada. Subindo porém ao cume do monticulo, depara-se-nos logo uma grande lage, ainda em parte coberta de terra (em 1895), e que tem á vista $3^m,10 \times 1^m,80$. Esta lage

¹ D'essa secular vestidura resta ainda talvez um bello pedaço, na chamada *Mata do Ramiscal*, que occupa as margens do ribeiro de *Cobreiro* a 2 kilometros das nascentes (1:208 metros) até cerca de 8:000 metros abaixo. Essa esplendida mata é o mais incondicional logradouro de vândalos que se pode erer em terras de civilização. Povoam-na carvalhos e azevinhos.

² Á distancia approximada de 100 metros, na direcção em que venho, encontra-se uma elevação de terra e sarulho, não emergindo totalmente do terreno, mas só metade, porque a outra parte confunde-se com o relevo do monte. Esta elevação é coroada por uma lage de $2^m,90 \times 2$ metros, que se apoia por um lado na rocha natural e pelo outro descansa sobre um calhao de forma arredondada. Dávido que tudo isto seja obra do homem. Mas terá sido aproveitada? (Vide *Revista de Guimarães*, xviii, 26). Registo em dúvida.

é uma das tampas ou capas da anta; todas as outras acham-se occultas ainda. É claro que este monumento foi já saqueado, mas conserva ainda todas as suas pedras nas respectivas posições. Os violadores inespertos atacaram-no pelo lado do O., cavando junto a dois dos esteios ou tranqueiros, até conseguirem desviá-los um pouco para fora, e formar assim uma abertura, uma especie de escotilha, por onde apenas pôde introduzir-se um homem, descendo-se.



Fig. 1.ª

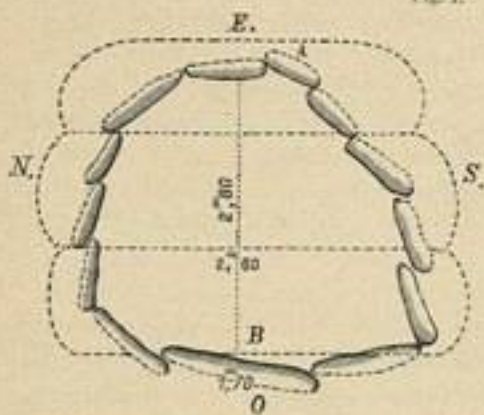


Fig. 2.ª

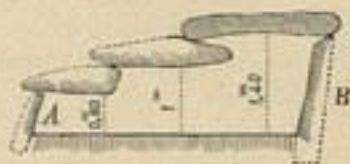


Fig. 3.ª

Entrando-se na camara ou crypta, nota-se que todas as pedras conservam ainda os seus logares, sustentando as de supporte tres grandes lages que capeiam a anta. O pavimento é de terra negra e mede $2^m,80 \times 2^m,60$, sendo aproximadamente circular. A entrada propria da anta parece ter sido para E., na pedra A. Conclue-se isso pelo exame da

disposição dos pés-direitos relativamente uns aos outros. Como se póde verificar na planta da camara, estas pedras estão dispostas não de-topo mas de-coberta, isto é, sobrepondo parte das suas faces menores. D'esta sorte, a vedação das juntas era tanto quanto possível completa, porque as pedras ajustavam-se pelas faces lisas, naturaes, e não pelas fracturas irregulares e toscas. Este processo de construir tem sido reconhecido em outras explorações (Cfr. *O Pantheon*, n.º 1, artigo de Martins Sarmiento, sobre as antas do Valle de Ancora). As primeiras pedras collocadas pelos constructores megalithicos teriam sido os tranqueiros da entrada propria da anta; successivamente viriam outras encostando-se ás que as precediam e sobrepondo-se em parte.

Do corte da anta tambem se pode inferir qual o processo de assentamento das padieiras; a primeira collocada teria sido a mais proxima da entrada; sobre essa correu a segunda e por ultimo a terceira. A pedra A deve ter sido a porta, e como tal collocada em ultimo lugar. Parece-me que por ali deviam ter começado exploradores mais avisados. O esteio ou tranqueiro opposto á entrada mede, na parte visivel interiormente, 1^m,70 de largura por 1^m,40 de altura, que pois representa a maxima altura interna da camara funeraria.

5.ª A 150 metros aproximados para SE. da referida mamôa encontra-se outra de dimensões apparentemente iguaes. Parece ter tido uma pequena galeria com 2^m,80 de extensão e de largura 0^m,80; orientada NO.-SE. A lage superior tombada é sensivelmente circular com 2 metros de diametro. Alem d'esta pedra, conservam-se algumas de suporte.

6.ª Pequena mamôa, com os seus contornos já pouco perceptíveis, o que torna impossivel medi-la. Não é mais alta que 1 metro. A crypta não teria mais de 1 metro de diametro, a julgar pela posição de alguns supports. Este monumento encontra-se a cerca de 300 metros para SE. do anterior.

7.ª A 150 metros da mamôa antecedente, caminhando-se porém no rumo de NE. para SO., encontra-se outra com 55 metros exactos de circuito e a altura de 1^m,5 a 2 metros. Existe a lage superior ainda pousada sobre alguns tranqueiros, que formam um recinto circular com o diametro de 2 metros.

8.ª Torneando um pouco para S., avista-se uma mamôa junto ao caminho. As suas dimensões são identicas ás da primeira que descrevo, isto é, mede 60 metros de circumferencia e de altura 2 a 3 metros. Da anta só ficou o sitio.

9.ª Voltando para SO., á distancia exacta de 30 metros topa-se com outra mamôa no mesmo estado da anterior e tão intacta como ella.

10.^a Á distancia de 6 metros certos para S. ha ruínas de uma mamôa pequena, completamente saquenda e que de alto não tem mais de 0^m,50.

11.^a Regressando á 8.^a mamôa e andando para SE. 160 metros, depara-se-nos outro *tumulus*, cuja altura não ultrapassa 1 metro, e em circuito é inferior áquella, com a qual e mais com a 9.^a forma um triangulo.

12.^a Partindo agora da 9.^a para S., á distancia de 55 metros medidos, tocam os pés em uma mamôa, desprovida já de pedras, e tendo 70 metros de redor com 3 aproximados de altura ao centro.

13.^a Medindo 23 metros do ultimo *tumulus* para ENE., vê-se novo monumento, completamente depredado, distando da 9.^a mamôa 40 metros e formando triangulo com essa e mais a 12.^a Não chega a ter 1 metro de altura.

14.^a Afastada da anterior 80 metros ha outra mamôa na direcção S. É das de maior typo d'este polyandrio, restando da anta os supportes, elevando-se acima do *tumulus* de terra 1^m,5. Parece ser a que vem figurada no *Minho Pittoresco*. Será difficil dizer hoje desde quando data o desaterro do dolmen.

15.^a É uma mamôa de 2 metros aproximadamente de altura que está situada a 65 metros de distancia da anterior para SSO. Deixaram-lhe por favor um tranqueiro.

16.^a Esta mamôa encontra-se entre o *Mezio e Bouças-Donas* do outro lado de uma ribeira e a algumas centenas de metros da 1.^a Não a vi eu, mas um companheiro meu d'estas digressões que me merece credito.

Como costume, indago sempre se a voz popular tem para esta especie de monumentos alguma designação especial. Não a encontrei ainda. Explicaram-me que aquillo eram casas dos mouros, esperas das batidas ao lobo... A lenda do passado e a realidade do presente!

Não devo deixar de me referir a uns curiosos enfileiramentos de pedras, mais ou menos com as formas de lages, desenhando na planura da montanha figuras muito irregulares no traçado e nas dimensões. Algumas d'essas lages teem 1^m,5 de altura, e largura igual, o que lhes dá respeitaveis dimensões. O transporte d'estas pedras teve de effectuar-se por distancia de algumas centenas de metros, desde as quebradas circundantes. Tudo está muito destronado, mas conhece-se que em outro tempo marcavam recintos fechados, embora da maior irregularidade. Hoje ha muitas interrupções. Caracter archeologico não creio que tenham. É certo que, perguntando eu a um guia montanhês o que queriam dizer aquellas pedras, elle me explicou que eram *bouças*

do tempo dos mouros¹, o que a meu ver, não é bastante para lhes dar valor archeologico. Relação com as antas, não me parecem ter; e a prova está na 4.ª mamôa, que é atravessada por duas das taes vedações. Chamam-se *bouças de João Paz*.

d) *Chã do Porrêdo*² (1 anta):

Este local pertence á freguesia de S. Jorge e fica nos limites d'esta e de N.ª S.ª do Valle. Sendo pouco extenso, não é facil determiná-lhe bem a situação na carta geodesica n.º 4, mas parece estar comprehendido nos pontos designados com as cotas 348, 378 e 470, vertentes do rio Lima.

Percorri estes sitios em Setembro de 1895, e ainda não voltei lá depois d'esse anno.

A mamôa que lá existe é das de maior typo d'este concelho. Conteei-lhe 64 metros de circuito, mas de alto apenas 1^m,5. É preciso, creio eu, presumir que a primitiva elevação d'estes monumentos deve ter sido maior; o que actualmente as protege é o mato; *in illo tempore* eram decerto abrigadas pela vegetação arborea circundante.

Do que era mais difficil livrar-se uma anta, era da rapina; e assim nesta perden-se tudo, menos... o que era intransportavel. A escavação que ficou, mede seis passos por tres.

Os monumentos d'esta limitada região apresentam uma particularidade que me feriu a attenção, e não só a mim mas a um guia que me acompanhava e que, a respeito de prevenções litterarias, mal saberia ler.

O *tumulus* é constituido de terra e cascalho grosso, abundante no monte, mas em redor da camara ou das suas ruinas estão collocadas, contiguamente, series de pequenas lascas de pedra em disposição imbricada inversa, isto é, assentes como as lousas de um telhado de ardósia, mas de tal forma que são as inferiores que recobrem as superiores e não vice-versa. O meu guia designou esta disposição por um termo feliz, dizendo que eram pedras *entelheiradas*; e são-no, mas inversamente.

¹ Bouça é um pedaço de monte, fechado por parede, isolado do restante baldio, para que a vegetação se desenvolva a salvo do dente do gado. É propriedade particular. Constitue, penso eu, o modelo e methodo a seguir na arborização gradual das nossas montanhas. Monte é, na linguagem d'estes sitios e em sentido restricto, o maninho.

² *Porrêdo* poderá vir de *pôrro* (alho) e designar abundancia d'elles (Cfr. arvoredos, vinhedos).

Se este systema de construir as camadas externas das mamôas se inspirava na intenção de as tornar mais consistentes, necessidade acaso reclamada neste sítio por motivos que hoje não adivinhámos, ou talvez impróprias para a vegetação, pareceu-me que na verdade bem sagazmente andaram os nossos prehistoricos avoengos. A erosão da mamôa devia ser quasi nulla durante muitos seculos, e a anta ou propriamente o jazigo funebre, embora fosse construido por pedras de pequenas dimensões, como era presumível que o fosse naquelle sítio, por não haver de outras, deveria ficar muito melhor protegido contra a rapina. Resgatava-se assim por uma construcção especial a immunnidade que deveria provir do megalithismo ritual.

O monumento era em 1895 cortado lateralmente por um caminho.

e) Alto das Raposas (4 antas):

Subindo da *Chã do Porrêdo* no rumo E., alcança-se o *Alto das Raposas*. Ao dobrar o pendor do monte para a cumieira, em um penedo ha este signal  o qual, conforme a posição do observador, pode considerar-se com o vertice para cima ou para baixo. As linhas cheias indicam a parte em que se reconhece trabalho humano; a pontuada a parte em que elle é discutivel. É de 0^m,20 o comprimento das hastes maiores.

1.^a Logo a seguir encontra-se uma mamôa que tem 22 metros de circumferencia. Destroçada como as que seguem.

2.^a A 40 metros de distancia ha outra medindo no circuito 35 metros.

3.^a Está 12 metros distanciada, e é sensivelmente igual.

4.^a Outra mamôa dista 17 metros, e apresenta as mesmas dimensões.

Estas mamôas estão numa direcção proximamente de O. para E. Das suas camaras só existe a depressão central, e os proprios *tumuli* tendem a desaparecer, pois já só tem 0^m,70 de altura, apesar de serem *entelheirados*, — aproveitemos o termo.

f) Alto de Sobredinho¹ (1 anta):

Continuando a subir o monte encontra-se outra mamôa.

¹ *Sobredinho* é diminutivo de *Sobrado* que está no mesmo caso de *Porrêdo*; isto é, vem de *Sôbro*. Devo esta indicação ao Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, que me diz mais, que *Sobrado* existe no onomastico de Vianna do Lima e de Villa Real; e cfr. *Sobrado* que se encontra em Trás-os-Montes, Beira e Extremadura. Na Galliza ha muitos *Sobrados* e pelo menos uma *Sobreda*. Em Oliveira do Hospital ha o dolmen da *Sobreda* (vid. *Portugalia*, I, 13).

1.ª Esta apresenta a feição e o aspecto das anteriores e acha-se no mesmo estado.

g) *Côta de Villar de Ossos* (6 antas):

Ainda no mesmo local, subindo sempre, mas desandando um pouco para N., em uma eminência que fica sobranceira ao logar de *Villar de Ossos*, descobre-se novo grupo de monumentos d'esta natureza, ao todo 6, e tão desfeitos que mal destacam o seu relevo. Não tem mais de 25 metros de circunferencia.

São construidos de terra e lascas de pedra, colhidas á superficie do monte, onde se encontram em grande cópia. Ainda é bem patente a disposição especial a que acima me refiro.

Em nenhum outro ponto do concelho encontrei mamôas construidas por esta fórma.

Em uma monographia intitulada *Contribution à l'étude des marchets* (separata do tomo XXI dos *Annaes* da Sociedade Archeologica de Namur) pelo barão Alfredo de Loë (1895), encontra-se a descripção de alguns *tumuli* belgas, designados com a locução *marchets*, em que se poderá ver alguma analogia com estas mamôas formadas, como aquelles, de cascalho quasi só. Nas dimensões esses monumentos ainda se aproximam dos nossos (altura 0^m,50 a 1^m,5; diametro 3 a 18 metros). Não quero por isto estabelecer filiação, mas notar o facto e insinuar que causas identicas devem ter produzido factos analogos em todas as regiões. Os *marchets* encontram-se em sitios elevados, incultos e agrestes; as mamôas *entelheiradas* tambem, mas aqui a abundancia de lascas suggeriu de certo aos constructores d'estes monumentos a imbricação do cascalho exterior. Os *marchets* são tambem protegidos por cascalho irregular, mas muito conjunto.

h) *Lamas do Vêz* (6 antas):

Nas quebradas setentrionaes do ponto mais elevado (1:415 metros) da orographia de Entre-Lima-e-Minho, o *Alto da Pedrada*, sito na parte da serra de Soajo denominada *Outeiro-Maior*, entre as cotas 1:258 e 1:288 metros da carta geologica n.º 4, dilata-se uma larga planicie, a que chamam *Lamas do Vêz*, porque ali brotam, por entre a urze e os piornos, os fios de agua que engrossando gradualmente vão formar o curso do rio Vêz.

A esta já respeitavel altitude, encontrei em 1894 seis bellas mamôas, cujas dimensões não pude tomar com rigor, mas que me pareceram semelhantes ás do *Mezio*. As antas foram saqueadas e derru-ladas. Pertencem, pois, á classe das antas megalithicas do concelho,

podendo as do outro type (*Chã das Arcas, Porrêdo, Alto das Raposas* etc.) considerar-se como tendo sido antellas; a julgar pelas dimensões do que resta.

i) *Chã do Calçado* (2 antas):

O *Calçado* é uma lomba de serra que na carta geodesica n.º 1 tem a cota de 1:250 e fica a SE. do marco lá inexactamente designado com o titulo de *Peneda* em vez de *Pedriño*¹. Nesta chã existe uma bella anta, alterada bastante, cuja camara mede interiormente 1^m,30.

Como actualmente serve para *espera* nas batidas ao lobo, é isso o que nos respondem os habitantes da região quando se pergunta pelo epitheto de tal construção.

A 60 metros para E. da mamôa anterior encontram-se ruínas de outra.

j) *Alto do Gumpello* (1 anta):

Este ponto, situado na mesma serra, e na freguesia da Gavieira, tem a cota de 1:155 metros e encontra-se a 1:000 metros ao Sul do marco da Cesta² (1:131 metros) e a NE. do *Pedriño*. Vê-se ali uma

¹ Esta inexactidão provém naturalmente de informação confusa prestada pelos guias ao distincto engenheiro que levantou a carta geodesica nesta região. O marco a que na carta n.º 1 se assigna o titulo *Peneda*, é conhecido pelos habitantes com o nome de marco do *Pedriño*, e teve a cota de 1:373. Pertence á freguesia de *Sistello*. *Peneda* é o nome de um lugar que se encontra na mesma carta ao centro de um quadrilátero formado pelos marcos Penameda (1:258), Rajada (1:081), Veiga (1:139) e Agua Santa (1:139). É um ponto situado no fundo de um valle agreste, e nelle existe um santuario (N.º S.º da *Peneda*) muito concorrido, em duas romarias do anno, por gente do Norte, do Minho e da Galliza. Pertence á freguesia da *Gavieira*. Esta grande serra tem sido designada pelos que consultam esta carta com a epigraphie de serra da *Peneda*, em consequencia da facilidade com que salta á vista a palavra *Peneda* (allás *Pedriño*) escrita em letras maiusculas, mas deverá ser chamada *Serra de Soajo*¹, porque o seu ponto culminante (*Pedrada*, 1:415 metros) está dentro de limites da freguesia de *Soajo*. Da evidencia com que na carta da Commissão Geodesica se apresenta a palavra *Peneda* (1:373 metros), provém esquecer-se o ponto mais elevado da serra, situado numa collina chamada *Outeiro-Maior*, cujo cimo restrictamente é conhecido por *Alto da Pedrada* e sito a 1:415 metros de altitude, o ponto mais elevado do norte do país depois do Gerez.

² De *cista* deve provir, mas não no sentido archeologico. Talvez o local dê a decifração do nome.

¹ Isto não impede que se possam chamar serras da *Gavieira* as montanhas situadas na area da freguesia da *Gavieira*, embora sejam regulares da cordilheira principal ou *Serra de Soajo*.

anta do maior typo da região, anta cuja lage superior de forma elliptica mede $3^m,20 \times 2^m,40 \times 0^m,50$ de espessura (fig. 4.^a).



Fig. 4.^a

Como serve hoje de abrigo ao gado que pastoreia no monte, ouvi darem-lhe o nome de *cortelho*. O sitio, onde se levanta este monumento é a *Mota do Olho Marinho*¹. No dizer de um pastor que me mostrou esta respeitavel mamã, foram os monros que fizeram tal obra:—*Homens, senhor, não podiam!* accrescentava elle.

k) *Serra da Anta* (1 anta):

Em área das freguesias de Portella e de Sistello, desde o logar da *Mourisca* até ao côto da *Estrica*, está a serra chamada da *Anta*, onde effectivamente visitei as ruínas de uma. Na carta tem o local inexactamente o nome de *Mendoiro*² e conta 796 metros de altitude. Da anta não se vê mais que a mamã. Apesar do nome da serra, ninguem me sabia dizer onde era o megalitho.

l) Junto ao caminho que liga as duas freguesias de *S. Jorge e Ermello*, antes de chegar a *Villar de Ossos*, existiam em 1897 as ruínas de uma anta, já sem pedra alguma.

São estas as 46 antas de que posso dar noticia exacta, porque as visitei todas, menos uma. Restrangendo-me, porém, á área do concelho dos Arcos de Valdevêz, posso ainda indicar algumas por informação, nas freguesias de *Gondoriz* (sitio de *Entre-côtos*), do *Valle* (logar de *Paredes*), da *Miranda* (ao S. e ao N. do *Castello*), do *Extremo* (*Bragandello*), da *Portella* (sobre o sitio da *Lagoa* e no *Penedo do Lobo*), e de *Padroso*,—sem comtudo estar habilitado a dizer o seu numero. D'esta

¹ Villa-Amil (*Castros y mamons de Galicia*) dá o nome de *motas* a umas protuberancias ou elevações de terra que tem encontrado no cimo de alguns castros gallegos.

² *Mendoiro* é sitio que fica na vertente norte d'esta mesma serra.

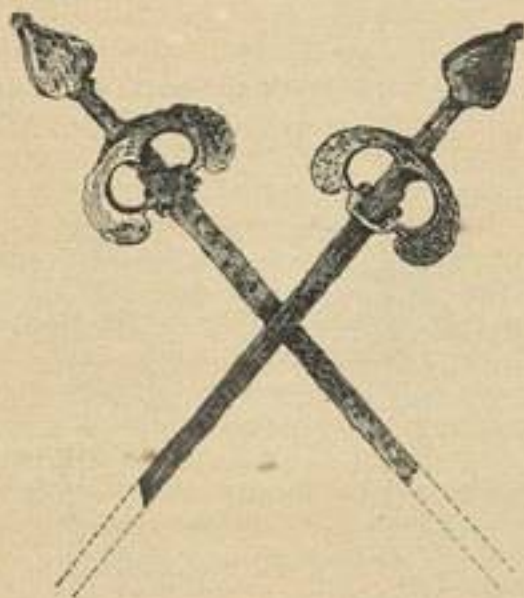
rapida exposição se infere que a archeologia portugueza tem um vasto campo de estudo deante de si, não lhe mingnando megalithos para exercer a sua actividade, mas estando ainda longe de completar o inventario d'estes monumentos. Em cada concelho se deveria fazer uma investigação archeologica capaz de revelar todos ou os principaes vestigios das antigas civilizações. Confesso porém que é difficil fazê-la por estranhos. Por meio das auctoridades locais, é inutil tentar semelhante empresa. De Sul ao Norte de Portugal as antas são abundantes, attingindo as maiores altitudes das regiões montanhosas.

Maio, 1902.

FELIX ALVES PEREIRA.

Espada antiga

A espada que se representa na figura junta, vista dos dois lados, tem de comprimento 1^m,03. A lamina é de dois gumes, e mede de comprimento 0^m,86; de largura junto ao punho tem 0^m,04, diminuindo proporcionalmente, e tendo proximo da ponta 0^m,2.



Junto ao punho tem um corte semi-circular, aonde se apoia a segunda phalange do dedo indicador, sobrepondo na primeira d'esse dedo

a primeira do pollegar; os tres dedos restantes da mão seguram o punho, que só tem o espaço de 0^m,06, presumindo-se que neste espaço tivesse talas de madeira ou marfim.

O guarda-mão tem de um lado dois botões com pé, de 0^m,03 de altura, que serviam para proteger a costa da mão, quando a espada do adversário resvalasse (figura da direita), e na figura da esquerda vê-se um apenso metallico, que, além de proteger os dedos da mão, servia também para suspender a espada, quando collocada no talabarte ou arção.

O guarda-mão e punho são de ferro, e tanto estas partes como a lamina estão bastante carcomidas pela ferrugem, tendo apenas, por esse motivo, sómente de peso 1^{kg},200.

Foi encontrada, já sem bainha, ao sorribar o terreno de um prado, para plantação de vinha, no termo de Burgo, concelho de Mogadouro, partindo-se em tres bocados na occasião de a arrancarem. Appareceram também, em diversos pontos do mesmo prado, ossadas humanas, que, ao serem extrahidas da terra, se desfaziam.

Segundo a tradição, naquella prado feriu-se uma sangrenta batalha. Bragança, Fevereiro de 1902.

CELESTINO BEÇA.

Estudos de numismatica colonial portuguesa

3. Os patacões de Goa

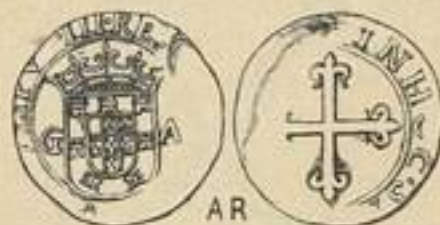


Fig. 1.*

Dentro de dois círculos as armas do reino, entre G-A. A legenda, que se segue da esquerda para a direita, está quasi toda obliterada; presumimos que deve restituir-se do modo seguinte:

[PHI]LIPV[S] - III - REX [- PORTVGALIAE - ET - ALG -]
É provavel que a orla fosse ornamentada com circunção de globulos.

B. — Cruz da Ordem de S. Bento de Avis, dentro de um círculo.
Legenda: IN HOC - S[IGNO] - VINCES -]

Patacão de 6 tangas de prata de 11 dinheiros.

Peso 17⁵/₃₅. Diâmetro 30 millímetros. Espessura 2,5 millímetros.



Fig. 2.^a

Dentro de dois círculos as armas do reino, tendo á direita um A. Obliterada a letra monetária G á esquerda.

[PHILI]PVS · III · REX [- PORTVGALIAE · ET · ALG ·] (?) que se lia da esquerda para a direita. Na orla restos de circuito de globulos.

R.—Cruz da Ordem de S. Bento de Avis dentro de um círculo. Legenda: IN [- HOC ·] SIG[NO · VIN]CES ·

Meio patacão de 3 tangas de prata de 11 dinheiros.

Peso 9⁵/₅₀. Diâmetro 26 millímetros. Espessura 1,5 millímetros.

Estas moedas foram cunhadas na Casa da Moeda de Goa. Unicas até hoje conhecidas, são ornamentos notabilissimos do medalheiro do Sr. Henry Grogan, subdito de Sua Majestade Britannica, residente em Park Street, 101, Grosvenor Square, London, W.

Este cavalheiro, que se dignou enviar-nos copias dos especímenes, em boa hora occasionou a palestra que vae seguir-se.

Não se poupem louvores a quem concorra para que a sciencia conheça especialidades monetarias de alto interesse. Este procedimento contrasta com factos que, por vezes, se dão em Portugal, onde existem alguns medalheiros, considerados valiosissimos, que a ninguém é dado estudar, nem aos proprios donos! como se o pensamento fosse gazua contra a inviolabilidade a que tem jus quaesquer antiguidades, onde quer que a fantasia do acaso as tenha collocado!

A causa fundamental da emissão de patações goenses, durante o reinado de D. Filipe III, encontra-se declarada no livro IV do archivo do extinto Conselho da Fazenda de Goa, a fl. 125.

Em 13 de Novembro de 1630, o vice-rei D. Miguel de Noronha propôs ao Conselho a conveniencia de se baterem moedas novas com symbolos portuguezes, que substituíssem as patacas hespanholas, *reales*, que as armadas do reino tinham embarcado no Tejo, com destino á

India, em abundantes remessas, principalmente depois que D. Filipe I entrou na posse da herança que os Governadores do reino de Portugal e outros traidores lhe haviam facilitado. Esses *reales*, que a nação portuguesa era forçada a tolerar, pobre, acabrunhada e profundamente ferida pelo desastre de Alcacer-Kibir e pela inaptidão de um cardeal decrepito e inconsequente, que fôra rei, circulavam na India com valores incertos, desfigurados pela monstruosa lepra dos carimbos, variados, e roídos pelo cerceio.

O indio nunca se entendera bem com a pataca hespanhola, cujas fracções, inconvenientes e prejudiciaes nas condições da prata quebrada, baptizava com a variada nomenclatura da antiga moeda indigena.

Em 1630, apesar d'este recurso ingenuo de baptismo, aggravava-se a situação monetaria do Oriente Português.

O indio malbaratava o tempo e a paciência, questionando particularmente, nos bazares, nos mercados, e clamava pela promulgação de reformas contra confusões e enredos. Por que se não cunhava moeda com symbolos portuguezes? Occorria, naturalmente, esta pergunta. A resposta guardava-se, como se fôra um segredo que tivesse de proteger um crime! Tempestuosos ventos da Hespanha derrubavam instituições e prerogativas seculares, e, no desastre d'esse esmagamento oppressor, o numisma português antigo vacillava no seu pedestal de glorias, immensamente sandosas!

Os *reales* tinham então a preponderancia em todas as ramificações do commercio indo-português.

Esta praga hespanhola invadiu outros dominios de alem-mar. Na Ilha da Madeira, em 1789, os *reales* foram admittidos como moeda corrente representativa de 15000 réis; em Cabo Verde circulavam pelo valor de 920 réis; em Angola por 15400 réis; e em Moçambique por 920 réis¹.

No reino foi auctorizada a circulação de patacas hespanholas, por decreto do general Junot de 17 de Março de 1808, com o valor de 800 réis, e subsistiram até á lei de 29 de Julho de 1854, que lhes suspendeu a regalia.

Ainda por decreto de 1 de Setembro de 1834 voltaram a circular carimbados com um punção de armas portuguezas (carimbo identico ao dos dobrões de ouro).

¹ Noticia sobre as pesos, medidas e moedas de Portugal e suas possessões ultramarinas, por Luis Travassos Valdez, pags. 31, 34, 37 e 39.

Parece que a Hespanha não se orgulhou com esta deferencia fidalga dos seus vizinhos.

Os *reales* viveram longa serie de annos na India Portuguesa. Ainda em 1856 eram a unica moeda estrangeira auctorizada ali, por titulo que nos é desconhecido, e por isto circulavam com insignificantes variações cambiaes. Tinham o valor de 5 xerafins, 3 tangas e 45 réis, ou 15725 réis de Goa.

José de Torres, no artigo intitulado «Portugal em 1630», inserto no *Archivo Pittoresco*, II, 323, disse que: «De Portugal ia todos os annos a Goa um grande navio, armado a expensas da fazenda, e carregado pelos particulares, que pagavam o frete. As remessas consistiam quasi exclusivamente em patacas de peso, em que se lucravam sessenta por cento». Mesmo levando em conta o exagero do escritor a respeito da quantidade dos carregamentos, vê-se que no reinado de D. Pedro II os negociantes da metropole ainda tinham singular maneira de prejudicar os povos da India, como a tiveram durante a epoca filippina.

Grande quantidade de moedas de ouro e prata foi cunhada em Portugal no reinado de D. Filippe III; porém este neto do *Demonio do avio-dia*, porque não se atrevera a sepultar no olvido a promessa de seu avô¹, permittiu que derivasse para o Oriente a fatal epidemia hespanhola, grandemente odiada ali, como em Portugal, em vez de promover e facilitar a exportação da moeda do reino, que seria bem accete pelo indio, como o foi aquella que a equipagem das caravelas de Vasco da Gama cambiou em Calecut.

Em 1630 o Conselho da Fazenda de Goa, ponderados motivos de força maior, attendiveis de melhor feição que os da justiça, acordou da inercia antiga, e, sobresaltado com a ideia de acontecimentos lamentaveis, para os quaes a reprovada influencia dos *reales* pudessem encaminhar a irritação do animo popular, accedeu á proposta do vice-rei.

Os cadinhos officiaes aprontaram-se para a transformação immediata de *reales* na importancia de 50:000 xerafins. Tão insignificante quantia para amedar de pronto era remendo bem simples e exiguo para encobrir um rasgão complexo e enorme! D'aqui resultou que os

¹ Entre as mercês, graças e privilégios que D. Filippe I deu a Portugal na carta patente de 12 de Novembro de 1582 menciona-se, no capítulo VIII: «Que o ouro e prata que se lavrar nestes Reinos e Senhorios se lavrará co'os cunhos de Armas de Portugal sem outra mestura». *Collecção das Córtes*, da Academia de Historia, tomo XI, pag. 70.

reales continuaram a prosperar, não obstante os protestos platonicos do povo, que apenas pedira a palavra, e não a violencia bruta, como de ordinario succede na diplomacia das greves actuaes.

A nova estiva para bater os 50:000 xerafins manteve o titulo da prata recolhida, sem outra liga alem da que tinha. A moeda de maior valor e a do valor immediato receberam officialmente o nome de *patacão* e *meio patacão*, da origem *pataca*, palavra com que foi conhecida a moeda hespanhola de 8 *reales*, tanto na India como em Portugal.

Foram emitidas as seguintes moedas:

Patacão de 6 tangas com o peso de 345 grãos;

Meio patacão de 3 tangas com o peso de 177 $\frac{1}{2}$ grãos;

Tanga pesando 57 $\frac{1}{2}$ grãos;

Meia tanga pesando 28 $\frac{3}{4}$ grãos.

Não se conhecem estas moedas minimas. É provavel que tambem mostrassem a cruz da ordem de Avis, symbolo caracteristico da emissão, que não foi repetida.

Esta cruz, que na moeda do reino foi gravada algumas vezes até o reinado de D. Pedro II, em moedas indo-portuguesas figurou somente na emissão de 1630, porque o facto desagradou a D. Filippe III, que, por carta regia de 15 de Março de 1634, ostentou a defesa do legitimo direito da Ordem de Christo, a cujo mestrado pertenciam os dizimos que se cobravam na India, ao passo que censurava a emissão, que não auctorizara, e ordenava que de futuro se cunhassem xerafins de prata baixa, apenas quando a necessidade de os emitir fosse absoluta. E era assim que a Hespanha concorria para a decadencia economica da colonia, cujas antigas glorias não tinham symbolos representados nos brasões da sua nobreza. O ciúme da gloria alheia arrancava do passado elementos ideaes para se constituir um crime de ruina futura!

Penaliza-nos ver que os exemplares figurados e descriptos não conservam a primitiva belleza. Evidencia-se que um gravador, muito habil para tal epoca, se distinguia notoriamente em Goa. É admissivel pensar que sob a direcção e conselho de Jorge da Cunha¹, que exercia o officio de *cunhador da moeda da cidade de Goa* no tempo de D. Filippe III, fosse executado o trabalho. Parece que este artista não era natural da India. Na carta de confirmação no officio de cunhador na mesma cidade, passada a favor de seu filho, Antonio da Cunha, por D. Filippe III, em 24 de Março de 1636 (vide ainda a nota infra), diz-se que Jorge

¹ Vide *O Archeologo Português*, VII, 46.

da Cunha era *estante na Índia*, isto é, que ali tinha residência. Habilitar-se-hia em Lisboa, onde fôra ourivez, ou abridor de cunhos?

A conjectura de superioridade artistica entre este homem e outros moedeiros de Goa, contemporaneos, é facil de mostrar. Confronte-se o que resta nas gravuras dos patacões com a menos bem cuidada expressão de symbolos gravados em moedas goenses emittidas anteriormente, de que se podem ver exemplos na est. 1, do vol. III, da obra do Dr. Teixeira de Aragão, *Descrição geral, etc.*

Os patacões, apenas emittidos, saíram da circulação goense. Não obstante estarem assignalados com a cruz, assaltou-os a avareza insoffrida nos Estados vizinhos da colonia portugueza. Optimamente recebidos no estrangeiro, recommendados pelo titulo metalico e pelo peso, emigrados opulentos, fatalmente estavam condemnados ao aniquilamento. E o Conselho da Fazenda não presumia este infausto successo!

Os exemplares do Sr. Henry Grogan, unicos existentes, salvos casualmente do cadinho, provam a nobreza da sua origem e a desastrosa extincção dos seus companheiros.

O desusado diametro e a espessura do patacão de 6 tangas não deve causar surpresa entre colleccionadores, habituados a conhecer sómente formas modestas em xerafins e rupias. Quem ler a carta de lei de 16 de Junho de 1569, que D. Sebastião expediu para Goa, conhecerá que, no reinado de D. João III, o vice-rei D. Affonso de Noronha mandou bater santhomés, ou patacões de prata, do titulo de 11 dinheiros, com o grande peso de 544 grãos. Estas moedas, desconhecidas, tambem foram sacrificadas na sua epoca; nem mesmo o notavel numismata indiano Philippe Nery Xavier as conheceu. É de crer que tivessem consideravel diametro e espessura. O typo seria barbaro, ao gosto da epoca, assim como foram quasi grotescas as feições e pesadas as proporções do bazaruco de cobre n.º 1 da estampa XV de Teixeira de Aragão, cunhado no governo de D. João de Castro. Isto aceita-se radicalmente.

O indio revoltou-se contra o valor exaggerado de 360 reaes nestes santhomés, equiparados aos pardaus de ouro correntes, valor que estava em desacôrdo com o preço da prata fina, que era de 25400 reaes por marco, porem não se aborreceu com espessuras e diametros. E porque se aborreceria? A plastica da novidade não molestou o indio, para quem a moeda nunca foi prototypo de monstruosidade ou de formosura artistica. Homem pratico, não teve as mais leves noções do que fosse o valor numismatico, que hoje se manifesta e se comprehende claramente, nem pôde suspeitar que os systemas monetarios seus contemporaneos, ou

contemporaneos de seus avós, no futuro seriam objecto de apaixonado culto, de estudos, de controversias, que concorressem para o progresso e gloria da sciencia. No caso contrario as harpias do lucro reservariam algumas amostras d'aquelles materiaes, destinados para ornamento da archeologia no futuro.

No fabrico do exemplar da fig. n.º 2 foi excedido o peso que a lei estatuiira, porque, cercado como está, ainda tem 12 grãos a mais. Este caso é um dos raros que temos apreciado com relação a moedas fabricadas em Goa, onde os operarios, desdenhando impunemente das estivas, craveiras legaes *in nomine*, costumavam reduzir os pesos.

Tambem nalgumas emissões feitas na metropole no seculo XIX se tem notado irregularidades analogas.

Quanto ao lavramento de especies em ouro é citado um caso grave. O Dr. Teixeira de Aragão, em nota a pag. 141 do vol. II da obra já citada, diz que viu uma dobra de quatro escudos, cunhada em 1820, com 10 grãos a mais. Se entre os exemplares lavrados neste anno, em numero de 1:687, saíram para a circulação alguns com luxo illegal identico ou superior, não inutilizados na Casa da Moeda, frouxa a fiscalização do fabrico e talvez perturbada por graves acontecimentos politicos da epoca, o publico houvê por bem não se accusar do beneficio. Aguardava novas manifestações de generosidade que os moedeiros offerecessem?

As unicas moedas portuguezas que, sem duvida alguma, se conhecem como fabricadas no tempo de D. Filippe III são as de Goa, datadas ou não datadas; estas denunciavam-se pelos pesos e typos, como os patações de que tratamos.

As emissões de Lisboa, sem designações especiaes de chronologia, confundem-se com as do reinado antecedente. Ao dominador castelhano talvez que só muito tarde occorresse que a manifestação pratica de uma das mais valiosas prerogativas regias ficava obscura na historia monetaria de Portugal; seria quando viu approximar-se o momento em que tinha de levar para o estreito abrigo do tumulo a pretensão de rehaer uma herança valiosissima, que não soubera ou não pudera guardar.

Depois de 1640, anno em que a pretensão se arreigou no cerebro d'aquelle rei, o escudo das armas de Portugal foi gravado, bem nitido e visivel, mas sem coroa, no conjunto heraldico de Hespanha, como se houvesse prestado vassallagem, que deprimisse a nobreza e menoscabasse os brios da nação libertada. Como se vê da fig. 3, elle occupou o lugar central, o de honra. D. Filippe sublinhou a affronta com singular cortesia!

O melhor critério não deixará de reconhecer no procedimento do rei hespanhol certa intenção occulta.

Fig. 3.^a

Em 1667 a affronta foi supprimida nas cunhagens de moedas para o continente hespanhol. A supressão teria como causa primaria a influencia moral da batalha de Montes Claros, ferida a 17 de Junho de 1665, ultima prova da tenacidade heroica de um povo para consolidar a independencia, que num só dia, enfim, conquistara violentamente.

D. Carlos II recolheu e arrecadou a pretensão paterna até o anno de 1694! Pretenderia realizar diplomaticamente, ou por força de armas, a união de Portugal a Castella? Esta ideia paira serenamente no espirito de quem examinar o anverso do *pavoneon*, fig. 4.^a, cunhado em Antuérpia quando o monarcha era senhor dos ducados de Brabante e Limburgo.

Fig. 4.^a

Parece que depois de 1694 o brasão de armas de Hespanha não mais se pavoneon numismaticamente com adornos de propriedade alheia; pelo menos na obra de Aloiss Heiss ¹ não encontrámos estampas que provem o contrario.

¹ *Descripción general de las monedas hispano-cristianas.*

Terminadas estas considerações, com que acompanhámos as figuras de dois numismas notabilísimos, devemos dizer que o Sr. Henry Grogan consagra especial estima á numária colonial portugueza. Esta homenagem, pouco vulgar, prestada por um estrangeiro ás nossas colonias, deve impor-se, como fortificante razão de estímulo, para que os numismatas portuguezes se interessem na apreciação da moeda estrangeira, á qual não falta valor historico nem arte, sem que por este facto se privem de entesourar e apreciar a antiga moeda nacional, dia a dia cada vez mais rara e esquivada.

Consulte-se a seguinte synopse, que não comprehende exemplares em duplicado, a fim de se conhecer como é numerosa a serie de moedas indo-portuguezas da collecção do Sr. Henry Grogan.

Moedas portuguezas	Metalls				
	AV.	AR.	AR.	PL.	Total
Das Ilhas dos Açores.....	-	6	18	-	24
Da Ilha da Madeira.....	-	-	3	-	3
Das Ilhas de S. Thomé e Príncipe.....	-	-	7	-	7
Da Africa { Oriental.....	2	5	9	-	16
{ Occidental.....	-	16	49	-	65
Da India.....	4	238	146	45	433
Do Brasil colonial.....	-	-	55	-	55
	6	265	287	45	603

Lisboa, Julho de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Antiguidades dos arredores de Evora

1. Antas do Barrocal

O sítio do Barrocal fica perto da Tourega, no concelho de Evora: n-*O Arch. Port.*, IV, 128 sqq., fallei das antas existentes neste sítio, as quaes um dia espero explorar com o concurso do Ex.^{mo} Sr. Visconde da Esperança, a quem no citado numero d-*O Archeologo* me refiro.

Aqui publico duas gravuras que representam duas das mencionadas antas, segundo photographias do Sr. Barbosa, de Evora.

Fig. 1.^a É a maior das antas que estão perto do *monte*, ou casa da habitação da herdade do Barrocal. Encostado a um dos esteios ficou

Fig. 1.^a

photographado um moço do gado, com o seu traje característico: çafões, barrete, etc., e muito pasmado, porque, dizia elle, tinha medo de que o enfeiticassem com a photographia. — D'esta anta se dá a planta n.º

Arch., IV, 129 sqq; e foi nella que se encontrou a placa de schisto figurada *ibidem* (n.º 5 da estampa).



Fig. 2.^a

Fig. 2.^a É a menor das ditas antas. Um dos esteios está por terra, e falta-lhe já a tampa. Pela figura do caçador que ao pé ficou photographado se faz ideia geral da altura da camara dolmenica.

2. Ruínas romanas da Tourega

Como complemento do que escrevi n-*O Arch.*, iv, 130 sqq., aqui publico tres gravuras, tambem segundo photographias do Sr. Barbosa:

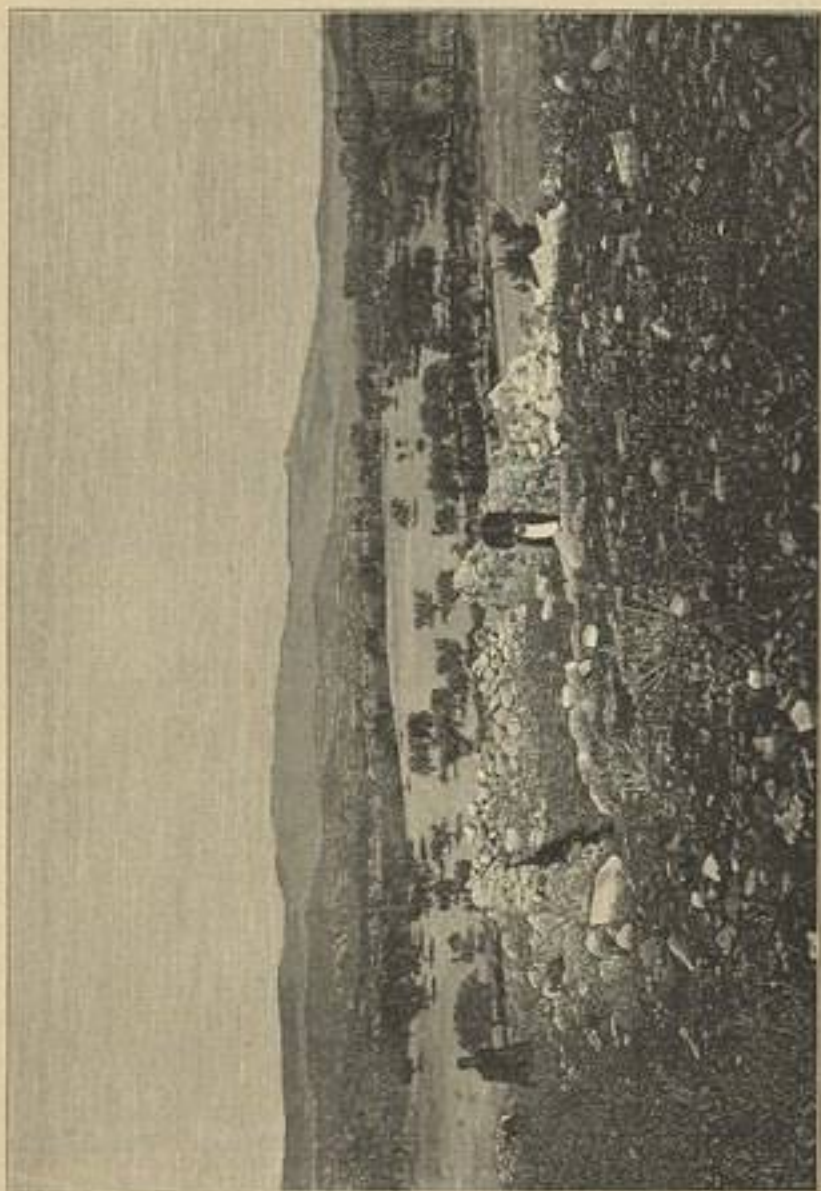
Fig. 3.^a

Fig. 3.^a Representa as tampas descritas na memoria de que trans-

crevi parte n-*O* Arch., 132; estão, como lá se diz, vestidas internamente de *opus Signinum*.

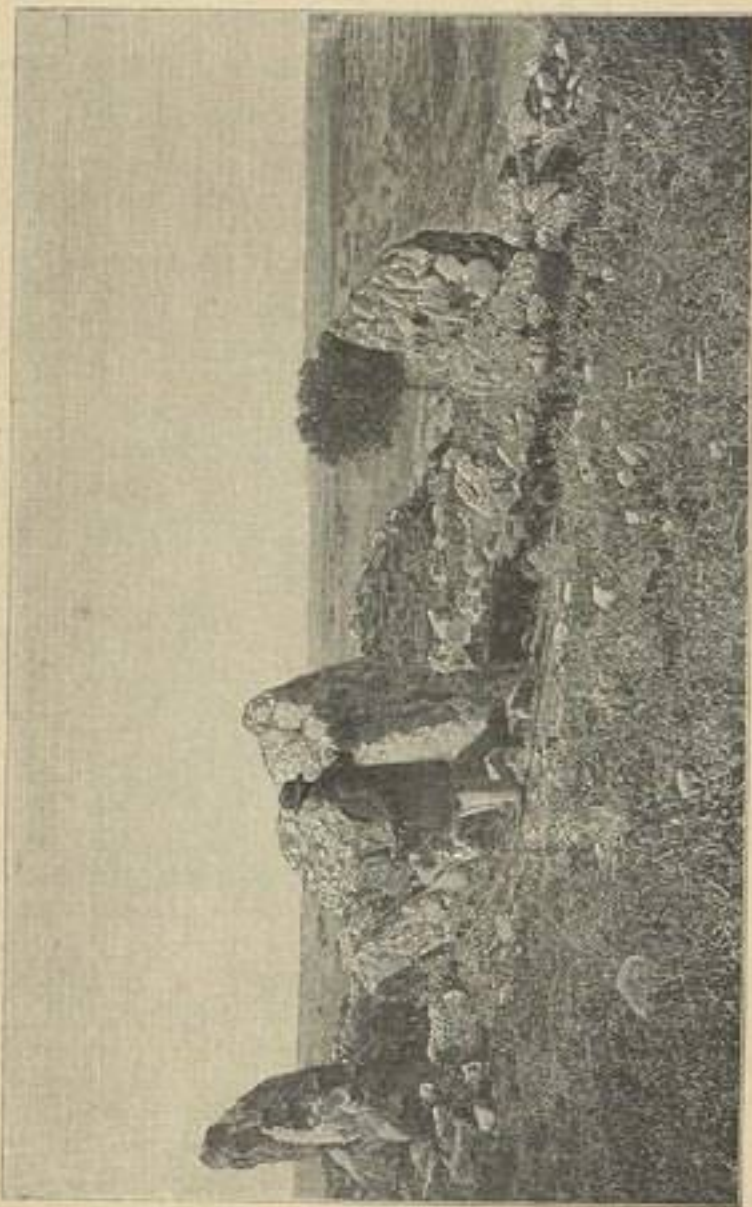
Fig. 4.^a

Fig. 4.^a Representa ruínas de edificações e grandes pannos de muralha caídos por terra.

Fig. 5.^a Vista da fonte de *Santa Innominata* ou *Anuominata*, que se descreve n-*O Arch.*, IV, 133 sqq. Não direi que a fonte seja romana, em todo o caso é antiga, e andam ligadas a ella tradições populares.



Fig. 5.^a

Do que fica dito se vê que a Tourega foi effectivamente estação romana de certa importância. Bem mereceria a pena proceder ali a excavações methodicas.

J. L. DE V.

Um inventario do seculo XIV

O inventario a que se procedeu por morte do mestre de Avis, D. Martin de Avelar, pode ser considerado como um dos mais ricos até agora conhecidos. Nelle se encontram mencionados os utensilios de toda a especie, de que se cercavam os homens na Idade-Media. O numero e a variedade dos tecidos e de objectos de luxo demonstram-nos até que ponto subira a industria e a importancia que o commercio tomára.

Muitos dos nomes não são sufficientemente explicados em trabalhos competentes, pelo menos no sentido etymologico, que é aquelle que mais cabalmente pôde determinar a origem proxima ou remota de dado objecto¹.

¹ Em quatro documentos em latim, sem data, mas que se podem attribuir ao seculo XII, os quaes vem transcritos no celebre Livro Preto, de Coimbra, a fls. 128, 209 e 213, encontram-se já os seguintes termos: *alfambar* ou *alphabarem*,

A lei de 26 de Dezembro de 1253¹, anterior um século a este inventário, teve já um interprete, na parte relativa a tecidos, na pessoa do Dr. Rolin², de Praga. No seu consciencioso estudo encontram-se notas relativas aos seguintes panos: escarlata, chamalote, grã, tiritana, viado, estamenha, burel, cendal, sirgo, ipre, picote, sarja, alfres, etc.

O mencionado inventário despertou no sec. XVIII a attenção de um curioso, que é pena ser-nos desconhecido. Escreveu a seguinte nota, que se encontra collada na primeira folha do caderno:

«Copia do Inventario a que se procedeo, por morte do Mestre D. Martin de Avelar acontecida em 1362 e a quem succedeo D. João, que ao depois foi Rey. Foi feito este Inventario por Gonsalo Esteves Provedor do Mestrado, e em ele relacionon a maior parte dos bens assim moveis como de raiz, e ornamentos das Igrejas, que aquele tempo a Ordem possuinha. Nas relações d'Aviz e de Veiros achar-se-hão os moveis de caça, e armaduras de guerra que ficarã nestes depozitos, e havião sido do uzo do Mestre defunto, e na do Alandroal a caudalaria que ali tinha. Faltão porem algumas relações como a de Santarem, Alpedriz, Torres Novas, Algarves, Elvas, Oriz, Seixo e Covelhaã. Este documento abunda em palavras antiquadas d'algumas das quaes não pude achar os significados».

* * *

Era de mjl e quatrocentos e quatro Anos primeiro dja de Majo en ffronteira presente m̃ Affonso monjz Tabeliom del Rej En A dita vjla Gonçalo Steuez proucedor dos b̃es do Mestrado daujs mostrou hũu ljuo de papel En que andauã scritos os b̃es que a dita ordem ha. Os quaees erã scritos per mao de tabeljaes dos logares da dita hordem e Assjnaados per suas maaos segundo parecia o fazimento. Primeira-mente hũa scritura feita e assynaada per maãos dAffonso ffrancisco tabeljom en Alcanede da qual scritura o teor tal he.

pelliciana (sobre-peliza), *plumazum* (chumazo), *plumellam* (chumella), *amurum* e *tapetum*. Um dos documentos citados descreve um leito da seguinte forma: *urnam lectam cum suo alifafe et tapete et almuzala et linulas quomodo est compositum*. Ainda menciona aqui o termo *cucitram* ou *cozadro*.

¹ Impressa por J. Pedro Ribeiro, 1813, *Dissertações, etc.*, tomo III, parte II, pag. 59; *Port. Mon. Hist.*, Leges, 1858, pag. 192; Teixeira de Aragão, *Descrição Geral, etc.*, 1875, I, 324.

² *Documenta relativi à l'histoire du commerce des draps dans la Péninsule ibérique au XIII^e siècle*, in *Sechshunddreissigster Jahres-Bericht über die Prager Handelsakademie*, Praga 1892.

Alcanede

It. Gonçalo stenez fez per ante ssy vjz Lourenço dominguiz Almoxaryfe que ffoj de dom Martin do Anelaal per my Affonso françaico scriuã do Almoxarifado e outro sy Martin Vaasquiz Juz da dita vjla dalcanele que ffoj ia en outro tempo Almoxaryfe e Johã Affonso que ffoj Rendeiro da dita vjla e ffez lbes pergunta per juramento dos Euanjhos que bees erã os que a dita hordem daujs auja en a dita vjla dalcanele e em seu termo assj moujs cõme Rajzes os quaces per o dito Juramento djsserom estes que sse adeante segem primeiramente¹.

It. Achou na dita Egreia da dita vjla Estes ornamentos que se adeante segem primeiramente hũa cruz de prata que djziã que auja quatro marcos de prata. It. outra cruz da latom e o crucifixo de prata. It. outra cruz pequenina da latom que lenã ao comũgar. It. hũ tribulo de prata de dous marcos de prata. It. tres calezes de prata os dous calezes pos a ordem e hũ pos o conçelho e hũ dos ditos calezes que pos a ordem he dũ marco e ho outro duã marco e mejo mejos² hũa meja onça. It. hũa vistymenta ffejtual que tem o manto de çendal. It. outra vistymenta ffejtual que tem o manto de pesso. It. hũa capa de ssolja. It. houtra capa de pano de sseda. It. hãh hũas obradeiras. It. duas Almatjgas de pano de seda. It. hãh tres vistjmentas velhas. It. tres ssalteiros. It. hũ domingal. It. hũ santal. It. hũ Auangjlorõ. It. hũ sacramenteron. It. tres caritanhos. It. dous lyuros de batjsçar e dencomendar. It. hũ domingal nouo de Canto. It. hũ ljuro pistoleiro. It. hũ offejal de canto. It. hãh hũ caderno do offiço do corpora christi. It. hãh outro caderno do offiço de santa Maria da Conceiçom. It. hãh outro caderno do offiço do umgir. It. hãh duas Arcas pequenas. It. hãh hũa consella de prata en que sêe o corpore christi En que ha hũ meo marco de prata. It. hũ caldeirõ e duas galbetas. It. hũ bacio quebrado. It. hũ sepiltro (?) It. hũ gmeiro em que seã as candeas pera as treuas. It. as coussas sobreditas o dito Gonçalo

¹ Dos bens immovels que a Ordem possuia em Alcanede só transcrevo os dois seguintes itens:

It. ha na dita Rjbeira hũ Engenho de burões de que ha ordem ha o terço e paga a terya parte a ordem dos custos e teno Vjçente Andreu e seus Erecos.

It. ha en Alueola dous mojahos e hũ Engenho de burões que stã afforados por trinta e çjuco libras en cada huã Ano e tenos afforados Joham martinx en djas de sua vjda.

Engenho está no sentido de fãbrica. Em Alcanede havia um sítio denominado *as fravegas* (fravegas), palavra que se deriva de *fãbricas*.

² menos

Stenez mandou a Fernã Anes moordomo da ordem que as ffaça poer em Recado. It. dous Religajros da latom em que djzem que andauã Relijas e nã sabem queiendas sem por que am fechados cõ soldadura. It. todas estas coussas sobreditas o dito Gonçalo Stenez entregou ao dito moordomo presente Domingos Fernandez scriuã.

Benavente

It. Outrossj Eu Affonso monjz tabeljom del Rey en ffrontejra vj hũa scritura feita e asjnada per mãao de St. anes tabeljom en benavente segundo pareça e fflazia mençom da qual scritura o teor tal he:

It. Estes som os ornamentos que o dito Gonçalo Stenez achou na Egreia da dita vjla primeiramente hũa naueta da latom em que anda ho emçenço. It. hũa boçeta de prata em que sta o corpore christi. It. tres vistjmentas de baldoqui compridas. It. hũa vestimenta de tabis comprida vjado cõ seu manto branco a cobertura. It. cinco vistjmentas brancas perfeitas. It. outra vistjmenta branca que entregou a Johan Fernandez Camello. It. hũ manto quareesmal de çendal preto e mingãlhj todos os outros ornamentos e trage outros doutras vjstjmentas convem a ssaber hũa stola e hũ manjpollo. It. hũ manto uermelho de çendal vjado velho. It. hũa capa de baldoqui velha. It. duas Almatjeas de baldoqui velhas cõ sas gorgeiras. It. hũa capa de mortorio. It. hũ frontal de baldoqui velho. It. doze ffaceirões hũ delles grande. It. duas sobrepelizas velhas. It. quatro toalhas. It. quatro sanáas. It. Em outra parte sete sanas que dizem que son daltar major. It. hũa sanáa Rota. It. hũ ssantal e hũ domingal. It. dous officjaes. It. hũ missal. It. hũ Anangeliorõ. It. hũ carjtanho. It. hũ pestolejro. It. hũ sacramentoro. It. hũ caderno de santa Maria. It. outro caderno do corpore christi. It. dous ssalteiros. It. hũ mjssal mistjco. It. outro mjssal. It. hũa campã de comungar. It. hũa caldeira dagua beçta. It. dous baçios da latom hũ delles velho quebrado. It. hũ ljuro custumeiro de papel. It. hũa vistjmenta quareesmal comprida. It. hũa vistjmenta ffestinal. It. hũu liuro dencomendar. It. dous chumaços de ljnho novos açedreçados com pena. It. dous chumaços laurados e hũas mantécs daprãpo. It. hũa Almoçella noua de Santarem. It. hũ alfambar e hũ destalho. It. hũ veo de Rossetas dourado e houtro véco de meatades e outro veo branco. It. dous vécos dourellas uermelhas e outras verdes. It. hũ manto ffestjual. It. hũa cortjnhã que leuã sobre o corpore christi quando vãa comungar. It. hũas cordas douradas. It. sete corporaes. It. hũ spelho que see antre a magestade de santa Maria. It. hũ candecyro de çaffara de taola. It. hũas obrudeiras. It. hũa vistjmenta branca de santa Maria os quaes orna-

mentos os homẽs bõos da dita vjla dizem que som do conçelho e que nõ ha o Meestre por que os tomar os quaes hornamentos o dito Gonçalo Steuez entregou a Gomez Lourenço que ffez moçrdomo.

Avis

Estes sson os penhores que Gonçalo Steuez achou en Aujs que fforã dejtados a penhor no tempo do Meestre don Martim do Auelaal primeiramente ffoj achado que Affia Mouro tjnha hũa scudella de prata por trinta libras a qual ffoj pessada e pesou honze honze honças pellas honças da marçaria e ffoj çerto per testemunhas que iazia por as ditas trinta libras.

It. ffoj achado que tjnha o torto hũa espada por çincoenta libras a qual espada he garnida cõ traessa e mogeirõ esmaltado e dourado e cõ hũa cinta de ssoda morada com vinte e sete chapas com biqueira e fiuela e arganes e ffoj çerto per testemunhas que ffora apenhada por as ditas çincoenta libras.

It. ffoj achado que tjnha Belamjz mercador dAuis a penhor duas taças com esmaltes por trinta e quatro libras de pano que del comprara o Meestre as quaes taças fforã pessadas e pessarõ tres marcos e ffoj çerto per testemunhas que iaziã a penhor por as ditas trinta (sic) libras.

Borba

[. It. Estes sson os ornamentos que ha na Egreia da dita vjla de Borua. Primeiramente tres vestjmentas compridas brancas. It. hũa vestjmenta branca comprida e mingua hũa manjpolo. It. hũa manto de ljno branco e duas Aluas cõ duas cassulas. It. hũa manto ffejtual de baldoqui hussado. It. Outro manto de baldoqui rroto. It. hũa capa noua de tabis cardeo com becas douro. It. hũa capa de çendal vjado hussado. It. duas almaticas uermelhas hussadas. It. duas capas de mortiro. It. tres ssobre pelizas Rotas. It. hũa mjssal velho mjstjco. It. hũa saltal (scutal) velho. It. hũa domingal velho. It. tres ssalteiros dous velhos e hũa nouo. It. hũa caritanho de bautiçar. It. hũa mjssal pequeno de mñao de mjssas prinadas que ffoi de Joham Lourenço creligo. It. tres Aras Encadernadas de madejro compridas. It. duas galhetas ferradas e hũa cãpajna de comungar. It. hũa Arqueta pratada (?) En que sta o corpo de deus It. hũa lanterna noua. It. hũa obradeira. It. os Altares todos bẽ Repairados. It. duas campaynhas de ssotelha. It. hũa bacjo dofferia de cobre. It. hũa Arca grande En que Estan os ornamentos. It. hũa caldeira dagua bẽta e hũa cadeado.

Lisboa

It. Outrossj Eu dito Affonso monjz tabeljom del Rej em ffronteira vij e lij hũa scritura no dito libro ffeita e assjnaada per m̃ao de Perestenez tabelion de lixboa a qual era dos bees que a orden daujs hj anja segundo parejja e os bees sson estes:

It. hũa Adega cõ ssas cassas e dous lagares de vjnhu na qual Adega stauã vinte e sete tonécs cõ vjnhu comvem a saber vijnte tres cõ vermelhos e Rossetos e quatro brancos. It. tres tonees de Raspa e hũ ençetado. It. duas Cubas vazyas hũa desfundada e hũa peça de madeira velha de cubas. It. duas tijnhas pequenas que stauã pera cajr e outras duas tijnhas pequenas de pjsar tynta hũa velha e a outra melhor. It. hũa masseira de trasflegar. It. Outrosj sja hy outro lanço de tonécs vazjos e antre velhos e nouos e os que stauã cõ os vjnhos son per todos quarenta e tres e dous cascos de pipas hũa grande e outra pequena.

Avis

[. It. Outrossj eu dito Affonso Monjz tabeliom vj hũa scritura no dito ljuo feita e asynaada per m̃ao de Gil Gonçaluez tabelion En Avis que tal he.

Era de mjl e quatroçentos e dous Anos vijnte e nove djas de Março En Aujs en o Adro de Santa Maria Gonçalo Stenez proucedor dos b̃es do Meestre Entregou Estes b̃es A Stenan Domínguez que ffez moordomo. It. primeiramente hũa Arca cõ speçias En que sja hũ tallador de prata que djziã que Era baçio. It. duas scudellas de prata. It. hũ pjchel de prata cõ hũ smalte En gjma. It. dous pjebees pequenos de prata e hũ delles he sem coberto e duas colhares de prata A qual prata Era por laurar e pesarana e Acharã que Auia En Ela seis ARataes e meo e Mais ojto honças e pesarana per os ARataes por que nã tijnhã honças. It. hũa Arca En que staua boticaria e ffrejta que apodreço. It. outra Arca En que staua hũ tallador de prata que djziã que era baçio. It. duas scudellas de prata. It. dous prateiros de prata. It. sete salsijnhas de prata. It. tres colhares de prata. It. ojto taças de prata douradas dellas e smaltadas. It. hũa capa de Egroia de case vjado e stola de case vjado. It. hũa pentaneira de cojro preta cõ chapas de prata e cõ hũ cordon de seda preto. It. dous pedaços de cases hũ hindeo e houtro uerde. It. hũa uestjmenta degreia cõ m̃ito forrado cõ hũa solja cardea e fforrado de çendal uerde e manjpolo e stolla do dito pano e Alua e o Amito de pano de ljuo e hũa Alecofinha cõ speçia. It. dous panos de cabeções laurados. It. hũas toalhas lauradas nouas. It. outras

toalhas velhas. It. hũ Atjto de prata cõ ssa cadca. It. hũas stribeiras darames douradas. It. quatorze cordas de seda uerdes e moradas pera sela. It. hũ pendom de Rede. It. tres pares de luuas e Mais hũa luua. It. dous bagjos de prata smaltados A qual prata toda de gjma pessarõ Affora A que ia Era pesada e Acharõ hj dez e nove ARataes e meo e vinte e quatro honças. It. quatro peças de çendal branco o qual mj-djro e Acharõ En ele Cjncuenta e quatro Alas¹ mejos quarta As quaes stã Emmurjihadas En hũ pano. It. tres cruces En pano branco e as cruces uerdes de sobre sjnaes. It. tres mangilhas de lanças de géébe e hũa dellas tem aljouffar meudo. It. quatro cordas quatro cordas de seda pera sella e dellas som cortas (*sic*) per mejo. It. dez e sejs peças de fio de prata legadas cõ hũ fio de ssirgo uermelho cõ que se pessarõ e pesaron e acharõ hj pela pessa de marçjria quatro honças. It. dez ljalhos de fio douro Em que ha trinta hũa peças ljadadas cõ fio de ssirgo uermelho cõ que o pessarõ e pessarõ e acharõ En Elle pelo pesso da marçjria oito honças. It. Achamos na dita Arca que ficarõ por screuer Estas cousas que se adeante segõ primeiramente hũa frounea de chumaco laurado. It. hũ pano de seda branca En que ha tres Alas mejos quarta. It. hũ pedaço de géébe uermelho En que nã ha mea Ala. It. hũ pequeno de pano de geebe uerde. It. hũa Redoma pequena que djzem que anda En Ela balsamo ca nã staua hj quẽ o conhecesse. It. dous mendraculos que som flegura domẽ e de molher. It. hũas Redeas de seda uerde velhas. It. quatro pedaços de cabeçadas velhas sem pregadura. It. outras Redeas de Cordom de cadaço. It. quatro panos de Cjntas de sseda nelhas. It. hũ pendon de Rede Rico. It. hũ pedaço de çendal de pendom velho Roto. It. tres Alas mejos quarta de cendal uermelho. It. sejs boçetas de pááo En que diziã que anda tjryaga. It. hũ Ramo de Cendal velho. It. hũ saquito cõ defumaduras.

It. outra boutra hucha e Achamos En Ela hũa cjnta de pano morado que leua hũa beca dourada pela mejatade com piqueyra e ffinela de prata e esmaltada e vinte e hũa chapas todo dourado. It. outra cjnta de pano uerde cõ biqueira e ffinela de prata e esmaltada e tjinha quarenta Rosetas que ffoj dourada e Era ia husada. It. outra Cjnta streitjinha de pano cõ chapas de prata En que ha Cento e dez e seis cõ ffinela e biqueira. It. tres brochas hũa garnjda de prata e As duas de mungos brancos e a hũa tem prata na maçã e no ARiaz. It. dous Cojtelhos e dous canjuetes todos Em hũa pajinha. It. dous panos laurados laurados cõ fio douro que Erã pera vistjmentas. It. hũas toalhas de pano mouriscas. It. hũ barneadoiro laurado. It. honze panos de ffa-

¹ De *alca*, em francês moderno *anne*.

cojões laurados. It. hũ stoque garnido de prata sen conteira cõ tres chapas e mogorõ e ARjac dourada e cõjstatenada e cõ vijnte e oito chapas cõ fiuella e cõ piqueira e Argonões. It. outro stoque dũa chapa e ARjajz e mogorõ e conteira smaltado e hũu pano branco de sseda com quareenta e nove Rosetas com fiucelas e bijqueira. It. outro stoque cõ huã chapa e conteira dourado e mogerom e ARiac e cõ seus esmaltes e hũa çinta de seda hussada e cõ Cincoenta e nove Rosetas cõ A biqueira e cõ fiucela. It. quatro Rosetas de prata douradas dadagajas genetas Em murilhado Em hũ pano de ffaceirõ laurado. It. hũa Çimeira de capelina cõ pregos de prata e dourada e cõ hũ pendon de prata smaltado e pesana per hũas onças de marçarja de Crara fernandez e acharõ que pesana quinze honças. . . pessa. It. hũ cobertojro de pjchel de prata pequeno que pessou hũa honça e hũa meja ojtaua. It. hũ pouco daljouffar meudo En que auerja dous nẽbretes. It. ssejs ffolhas En hũ papel douro e de sseda lauradas catorze cordas de ssela muares de seda. It. huã borladura. It. hũas tessoirinhas douradas e hũ cojtello punhar de tachas e çinque fñjueletas e mea de prata. It. hũa bolssynha de seda velha. It. honze marauedis e dous nouees. It. hũa luna laurada. It. houtra hucha En que iazia hũ pano daltar de sseda velho. It. hũ calez de prata cõ ssa napejra e cõ ssa patana e he dourado e pesou dez e oito honças. It. hũ frontal de seda uerde e forrado de pano uerde. It. hũa Arqueta cõ os corporaes. It. Outra Arqueta pera as ostjas. It. hũ pã dacucar. It. hũ manto de Egreia de seda cõ seus laoures e stola manjpolo e Alua e Çjnta. It. hũa chumella de çendal vjado Rota. It. duas cruces de prata douradas hũa grãde e A outra pequena sem macãa En hũas toalhas lauradas velhas. It. dous castjças de prata que pessarõ e Acharõ hy vinte honças e mea. It. hũa cõpajuha. It. hũ ljuro mjssal. It. hũas tauoas pintadas daltar. It. hũs mãtees velhos pera altar. It. Achamos En hũa trouxa dous Cabeções vazios de lãa. It. hũ cabegal de frounea branca hussada. It. hũ Aljiffaffe de pano uermelho cõ pena que diziam que Erã etquios It. duas mantas velhas e hũa coberta de pjote. It. tres ffacejroos laurados. It. En outra trouxa hũ jobete branco de seda. It. hũa cojffa darmar cuberta de pano de seda. It. outro Jubete de selhas e duas cojffas darmar. It. hũ Aljiffaffe de pano uermelho e pena que djziam que Erã etquios It. hũa Aliaqueira laurada e hussada. It. hũ destalho e hũ tapede velho Roto e hũa mãta velha. It. hũa chumella pequena velha. It. hũa taça de prata que pessou sete honças. It. tres fferradas grandes e hũ Ago-mjl e hũa mantagira e sete hodres e quatro costaas de laa. It. Acharõ En A cassa de Crara fernandez dous Almadragues de pena cõ frouneas brancas. It. hũ cabegal laurado velho. It. duas colchas brancas.

It. dous ffaçeiros vellos. It. tres saunas de cama. It. tres destalhos uerdes e hũ sobre çeco vjado que parece manta velha de laã e he Roto Em logares. It. hũa Arca Encojrada. It. tres luuas docejro. It. hũ barneadeiro de pano de lĩho laurado. It. hũ cobertor de coelho. It. hũa pena branca pera manto. It. outro pedaço de pena de coelho. It. quatro ffaçejroos uelhos. It. dous Cojtellos de messa En hũa bajinha. It. tres mantees. It. hũ sacco pera dinheiros sen dinheiros. It. hũ lençol nouo. It. treze Armaduras de cojros pera caes. It. outros mantees vellos. It. hũ touolejro cõ tauolas. It. hũa manta velha. It. hũa corda dalcanauue pera Apertar cama. It. hũ Almadraque velho destrado. It. tres gorgeiras de caes. It. hũ Almaffreixe. It. hũ tapede nelho. It. hũa manta velha. It. hũa napeira de taças. It. hũ fferamental cõ hũ martelho grande. It. hũ Almafarriz (?). It. dous castiçaes vellos de cobre. It. hũ bagio grande de cobre. It. hũ baril pera azeite e hũa lãpada todo de cobre. It. hũa manta noua. It. seis pejtoraes e hũas Redjas e hũ pedaço de coiro vermelho. It. hũ destalho nelho e he Roto En logares. It. hũ cabeçal velho laurado. It. duas chumellas de cojro e hũ godomejil de cojro. It. dous ljuos que dizẽ que son briujajros. It. hũ talejgo cõ dentes de porcos. It. hũ sacco cõ tras malhos de Redes It. hũ pedaço de tocha It. hũ barril destanho. It. ssete queijos (?) Redondos. It. dous pares de botas velhas. It. dous pares de çapatos. It. hũ bagio de cobre pera cãpeal. It. seis Asenas monteiras.

It. Acharõ En cassa de Maria Vjeira En que cojnhauã Estas cousas que se Adeante segõ hũa caldeira grande. It. hũ caldeiro grande. It. duas panelas de cobre uelhas e duas peolas de cobre. It. duas colhares de ferro e hũa flurada e outra sãa. It. hũ gadanho de fferro. It. tres spetos de ferro dous grandes e hũ pequeno. It. hũas grellhas de sseis steos e de quatro pees. It. dous catores pequenos. It. sete talhadores saaos e dous britados. It. hũa gameleta. It. hũs caldejrijs grandes de ferro e outros pequenos. It. hũa sejra desparto e hũ graal e hũ malhadeiro As quaes cousas forã Entregues A Steuã Domingez. It. Outrossj Reçebẽ o dito Steuã Dominguez quatorze dobras castelãs que Acharõ quanto o Meestre Moreo e scrituras de obrigações.

Fronteira

It. Outrossy Eu Affonso menjz tabelien vj hũa scritura feita e asjnada per mha m̃iao dos bees que a ordem ha En fronteira Antre os quaes hẽes que a ordem hj ha son Estes.

It. estes som os ornamentos que ha na Egreia primeiramente hũu domingal. e hũu santal. It. tres salteiros vellos. It. hũu Anãgiljorom.

It. hũ carjtanho. It. dous liuros de bautiçar. It. hũ official e hũ pjs-
toleiro os quaes ljuos Erã velhos convem a ssaber os dous ssalteiros
hũ delles ssem hũa vjgjlja e des En cadernados e Rotos En Mojtos lo-
gares e hũ dos do bautiçar tem hũa tauoa britada per A mejatade e ho
outro des En cadernado E o dito domingal mal En cadernado e hũa
das tauoas britadas e o dito santal velho e des En cadernado os quaes
ljuos o bispo deuora mandou que se Adubasẽ e En cadernassem e Alu-
meassem. It. hũa vjstjmenta velha cõprida e Rota o manto de baltoqui
velho e Roto de deante. It. hũa capa de tabis vjado cõ tres pedras.
It. quatro dalmaticas Rotas a logares de tabis. It. hũ manto e hũa capa
de ljuho tinta de tjntura preta. It. hũa vjstjmenta de ljuho velhas e
Outro ssj hahj outros beẽs moujs que Aqui nõ vã scritos Assi trigo
cõme çeuada e gado e bestas as quaes cousas forã Entreges A pero
falageiro moordomo.

Velros

It. Estes som os beẽs que ha hordem ha En Veiros os quaes erã
scritos En o dito ljuo per maõ de Gil Vicente tabeliom segundo pa-
reçia primeiramente. It. Cjncos pares de cojxotes e caneleiras e hũ par
dos ditos coixotes Erã hũ esmaltado e tõe sonhas ffolhas de prata e
quatro ffinelas e quatro bjqueiras de prata e hũas das caneleiras Erã
britadas. It. hũas luuas daço. It. dez e nove beestias com ssas fundas
de burel e de pano de ljuho. It. hũas Cãbhas e moços duã ffreo tarijm
dourado os quaes sjã ffechados En hũa Arca. It. hũa machadjuha e hũa
maço de ferro. It. çinco capelinas e tres gorgeiras e son quatro caibadas
seis lorigoes e hũ delles he Roto. It. ojto lurigas de corpo e As duas
sson Rotas. It. duas mangas de lurygas e hũa fflaldra e hũ. . . It. sete
lurigas de canalõ cõpridas e hũa çaga de luriga e dellas sson Rotas
A logares. It. hũ Jubete de ljuho canamo de pano de pesso Roto. It.
outro Jubete de cuberto de çendal verde. It. dez e oito cãjbajses cu-
bertos de pano de ljuho delles saas e delles Rotos. It. treze cojffas
dalmazẽ de pano de linho. It. outra cojffa cuberta de tabis vjado. It.
hũas cobertoiras de canalõ cõ seis castaneõs cubertas de çendal branco
cõ sjnaes da ordem. It. hũas perpontos de canalõ cõ cruzes verdes.
It. hũa sela de canalõ cõ sas stribeiras de fio e cõ sas ssilhas e lategos
e cõ trinta cordas que Andanã dobrados e cõ sua fflunda de valençina
vermelha. It. hũas estrebeiras muares de fio de prata. It. hũa sela muar
laurada cõ sas strebeiras de fio de prata e cõ homze cordas sãs que
Andanã dobradas e çinco cordas britadas. It. hũ ffreo muar cõ cabe-
gadas de seda e tres pendentes e tres chapas e hũ pejtoral cõ tres
pẽjdentes. It. outro pejtoral Com çinque pendentes e cõ sas chapas

de cobre. It. hũa sela velha de cojro preto cõ sas stribeiras. It. tres steiras mouriscas daalẽ mar e hũa de portugal Rotas. It. tres dagajetas e hũ scudo cõ funda uermelha. It. hũ candeeiro de fferro. It. duas lanças que stã En hũa ffinda de senhas costas. It. Oyto soadeiros de lurigas de caualo cõ sas deanteiras e hũa deanteira. It. hũa cobra cõ que ande debulhar bois de vinte colares e tres braças sem colares. It. tres Rolos de cordas de ljinho de vinte vinte e seis braças. It. tres ffindas de pendom. It. duas napejras de caças de uerga. It. duas napeiras de uerga de cojxotes. It. duas tendas Rotas ssen cordas It. hũa manta velha Rota. It. hũ ljuro que Era de Regra dos freires. It. outro ljuro pequeno de tauoas. It. quatro pedaços de cadea da latom e quatro Rosetas. It. hũ prego de ssella. It. hũa domina En que sjam ffeuras. It. hũ pedaço de coiro de iondaril. It. quinze mãtees dabranpo de ljinho. It. dous pentes hũ dalmassa e outro de madeiro. It. honze conedos destamenha Rota no meogoo. It. sete taalhas cheas de vjnho e En hũa En que sya vjnho nã Era meja e por que o dito vjnho sja per midida mandou Ao dito Joham Veegas que possesse hũa molher jurada que o vendese e gurdasse os dinheiros e Regebeçe os El della. It. tres duzeas de pelles dovelhas cortjdas que forã Entreges A joham veegas cõ o vinho e taalhas. It. tres Arcas duas Encojradas e hũa sem cojros e ficou En hũa dellas flechada scritura. It. As quaes coussas o dito Gongalo steuez mandou A Lourenço Meendez Alcalde do castello que As leixasse lenar Ao dito Joham Veegas e que lhas Entregaria. E o dito Alcalde dise que El Rej lhj mandara que nã desse nã leixase tirar nẽhũa coussa A nẽhũ daquelo que sja no dito castello e o dito Corregedor mandou tornar As ditas coussas Aas ditas cassas En que sjã e mandou flechar A porta cõmo staua.

It. Em tregou o dito Corregedor A joham veegas hũ bacio de brata britado no ffindo o qual pessou tres ARatões per os ARataes dos carniçeiros meos duas honças. It. lhj Entregou hũa spada jeneta cõ tres trauessas e ARiat e mogorõ e conteira e hũa gjnta de sseda e cõ sete chapas e fluelo e biqueira e cõ hũa trauesa e cõ seus Arganeës. It. lhj Entregou outra espada cõ hũa õpunhadura de fio e cõ sa maça esmaltada e seu ARiat cõ flolha de prata dourado e cõ sua trauesa e conteira de brata e cõ hũa gjnta de seda e cõ Noucenta e sejs Rosetas Comtada hj A fluelo e biqueira e os Arganeës As quaes espadas e bacio tjnha En garda per mandado dos juizes. It. lhe Entregou Ao dito Joham veegas hũa capelina saã boa. It. he Entregou duas gorgeiras hũa garnida de geebe uermelho e A outra de cojro preto.

It. Achou que florã Entreges Ao dito Lourenço meendez Alcajde do castello Estas coussas que se Adeante segem As quaes Erã scritas

per Joham ianes tabeliom primeiramente hũ Almadraque branco velho. It. hũ cabeçal grande de pena. It. hũ cabeçal grande de lã cheo de pena hussado. It. hũ colcha Rota. It. hũ manta velha. It. duas caldeiras quebradas e duas fouças Roçadoiras quebradas. It. hũ malho bõo. It. duas penejas velhas. It. cento e trinta e quatro scudos grandes. It. quatro pequenos como dagaras (?). It. Cjncoenta capellos de ferro e trinta gorgeiras dalmazẽ. It. trinta e seis solhas das quaes se o dito Alcalde deu por Entrege das ditas coussas e por que o dito Corregedor Achou que forã As ditas coussas Entreges Ao dito Alcalde e Erã dalmazẽ mandou que se semeassem (sic) no dito castello e que o dito Alcayde dese dellas Conto e Recado Ao dito Joham véegas se cõteger que hj outro Alcayde venha e que o dito Joham veegas As Entrege Ao outro Alcayde per conto e per Recado e que as sereua o ssen scriuã.

It. Era de mjl e quatroçentos e dous anos sejs djas dabril Gonçalo Steuez Corregedor por nosso Senhor El Rey nas terras da ordem daujs e proneedor dos bões do Meestrado ffoj A egreja de Sã Saluador de ueiros e sereueo os ornamentos que sjã na dita Egreia os quaes son Estes que se adeante segẽ primeiramente hũ official e hũ pestuleiro. It. hũ mjsal e hũ Auãgiljorõ. It. hũ domingal e hũ santal. It. dous ssalteiros. It. hũ official velho e hũ mjsal velho. It. hũ quaritanbo. It. hũ ljuro de bauticar velho. It. hũ capa de seda as quaes coussas achon que Erã da ordem. It. Entregou o dito Gonçalo Steuez a Joham Veegas ssete bestas asnajs cjnco ffemeas e hũ azno e hũ burro.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

Moeda inedita de 4\$400 réis de D. Affonso VI

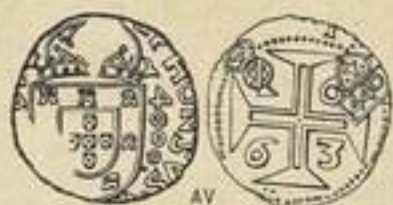


Fig. 1.^a

A.—Escudo de armas do reino entre o valor 4000 e restos da data 16. . . , que não foi anterior a 1663. Na orla direita as letras incompletas LPHONSVS - V. Restitue-se toda a legenda que existiu na moeda pelo modo seguinte:

[A]LPHONSVS - V[I - D - G - REX - PORTVGA], ou PORTVG.

B. — Dentro de um circuito granulado, a cruz da Ordem de Christo, com um ponto no centro, e cantonada por 1063 [16]63. No angulo esquerdo superior foi applicada a marca de esphera coroada e no direito o carimbo de 440[0] dentro de um rectangulo coroadado. Não tem vestigios de legenda, que fôra: $\therefore$ IN · HOC · SIGNO · VINCES ·

No bordo ha cordão (ou serrilha). Diametro reduzido de 24 millimetros. Peso de 7⁵/₅₀. Ouro de 22 quilates, ou 916 millesimos.

Este exemplar, verdadeiramente notavel e de raridade unica conhecida, embora estes attributos pareçam absurdos á primeira vista, pertence ao Sr. Robert A. Shore, subdito inglês, residente em Lisboa, que ha 10 annos collige com ardor e competencia preciosos elementos, com que está organizando uma collecção que hoje é já das mais importantes em Lisboa.

No nosso livro intitulado *Numismatica Indo-portuguesa*, publicado primeiro nos n.ºs 4 a 7 (18.ª serie) do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa* (1901), na pag. 376, referimo-nos a este distincto amador da archeologia numismatica de Portugal.

A moeda foi composta com o anverso do desenho n.º 10 da estampa XXXIV do vol. II de Aragão (vid. adeante, fig. n.º 2), e com o reverso de meio cruzado de prata cunhado no anno de 1663, de que apresentamos as feições na figura n.º 3, copiadas do magnifico exemplar que existe na collecção do Sr. Dr. Francisco Cordovil de Barahona, residente em Portalegre.



Fig. 2.ª



Fig. 2.ª

A mistura hybrida representada na fig. n.º 1 não é fantasia; é a demonstração fiel de um erro notavel, caracteristico do descuido ou da pouca aptidão profissional do operario moedeiro. Foi aproveitado o reverse de meio cruzado, que tinha diametro conveniente, o de 30 milímetros, em vez de se empregar o verdadeiro reverse com a cruz de Christo cantonada por anéis, e não pela data, como se vê na fig. n.º 2, conforme o disposto na lei de 28 de Junho de 1663, que mandou substituir a cruz de S. Jorge datada, que se gravara nas emissões de ouro anteriores.

A cruz de Christo nunca foi cantonada com algarismos em moedas de ouro do continente do reino, exceptuando-se unicamente no valor de 500 reaes de D. Sebastião a que chamaram *engenhoso*, mas só nas variantes do typo assignaladas com G—A.

A cruz de Christo datada é a causa principal da raridade notavel com que se atavia o exemplar representado na fig. n.º 1.

Como consequencia necessaria da mistura hybrida, houve duplicação de data. No anverso não se define qual fosse, esmagados os algarismos da unidade e da dezena pela applicação do carimbo de 440(0) (4400). Esta irregularidade é de somenos importancia no estudo anatomico da moeda, porém confirma o erro principal.

Erros de qualquer ordem produzidos na Casa da Moeda de Lisboa são raros desde as primeiras emissões auctorizadas pelas leis de 14 de Fevereiro e 27 de Março de 1641, ao passo que foram tantos e tão variados no fabrico de numerario em Goa que até surpreendem quem pouco se intresse em conhecê-los.

É sempre conveniente indicar a existencia de anormalidades notaveis, mas é melhor explicá-las, quando se não apresentem refractarias ao raciocinio, depois de apurada a curiosidade numismatica.

Examinemos outras particularidades.

O cordão, ou serrilha, é irregular em todo o contorno; dir-se-hia feito á lima, em epoca recente, se na moeda não existisse a marca da esphera coroada. Esta marca dá authenticidade á serrilha, porque a moeda recebeu uma e outra na occasião em que se deu cumprimento á lei de 9 de Agosto de 1686. Qualquer valor de ouro recebido na Casa da Moeda para ser serrilhado era logo entregue á competencia analytica dos ensaiadores, que o marcavam com a esphera, como norma preliminar da operação. Existe noticia d'esta marca no capitulo 52 do Regimento dado por D. Pedro II á Casa da Moeda em 9 de setembro de 1786, em que se lê o seguinte: *estas (barras de ouro) marcarão (os ensaiadores) em cada uma das pontas, sendo as do mais antigo a das Armas Reaes, e do segundo a Esphera que sempre se usou na Casa (da*

moeda)». A redacção é um tanto confusa, porém torna evidente a existencia da esphera como marca da contrastaria d'aquelle tempo em barras e moedas de ouro. Tambem foi applicada em productos de ourivezaria, como se diz no capitulo 13 do mesmo Regimento: «*Hey por bem, e mando que o Provedor da Caza da Moeda corra com seus officiaes todos os mezes, e as mais vezes que lhe parecer, as ruas dos Ourives do ouro, e prata, fazendo vistoria nas Casas, e Taboletas dos Ourives, e examinando se as peçças tem os quilates referidos (31) e guardão o disposto na mesma Ley*».

É certo que nalgumas moedas de ouro de D. João IV e de D. Affonso VI, que tem carimbos indicativos de augmento de valor, se nota a falta da esphera, como nos n.^{os} 3 da estampa XXX, 2 da estampa XXXIII e 11 da estampa XXXIV de Aragão. A falta provém de não terem sido serrilhadas.

É evidente que á esphera não se deve chamar carimbo. Julgamos ser opportuna a demonstração que aqui fazemos d'esta verdade.

A moeda do Sr. Shore, muito cerceada, tem hoje o insignificante peso de 7¹/₂, ou 150 grãos; cêrca de dois terços do primitivo peso de 246 ¹/₂ grãos, dado pelo decreto de 29 de Março de 1642, que regulou o fabrico da segunda emissão de ouro no reinado de D. Affonso VI, como regulára o da primeira no mesmo reinado.

O diametro é só de 24 millimetros, de 30 que a moeda teve, mas estes motivos não lhe offendem o valor numismatico, incontestavel. Na aurora do seu tempo, quando começou a correr de mão para mão, foi completa e bella. Então já se manifestava entre os nossos gravadores o sentimento da arte e a tendencia para o seu aperfeiçoamento, que se desenvolveu com brilho notavel vinte annos depois, como se vê dos esplendidos ensaios monetarios de cobre com o millesimo de 1683, n.^{os} 28 a 31 da estampa XXXVII de Aragão.

Lisboa, Junho de 1902.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Extractos archeologicos das «Memorias parochiaes de 1758»

454. Sernache dos Alhos (Beira)

Lenda.

«Houve no lugar do Picoto hum barbeiro de quem se conta por tradicam, que ao passar de hum ribeiro encontrara hum homme de barbas crecidas, e offerecendo-se-lhe para lhe fazer a barba, ao fazer

della lhe estalara a navalha na mam, e o homem se desfizera em fogo e fumo, de que ficou entendendo ser o diabo em figura de homem, este tal barbeiro teve quatro filhos o Dr. Manoel Alvares de Carvalho, medico, o Dr. Antonio Alvares, Theologo, e o Doutor Joam dos Reis, canonistas, etc.» (Tomo XXXIV, fl. 964).

455. Sernancelhe (Beira)

Forte dos Mouros

«Sernancelhe he villa munto antiga, esta cituada em hum alto, ha tradição que foy abitada pellos Mouros e nella em hum roxedo que lhe fica jminente fizeram seos muros com forte e balluartes de que hoje existem bastantes ruinas e se conserva ajnda a mesma portta chamada do Sol, por estar ó nasente e por esta parte dominavam toda a villa, e parese pello munto despinhado e roxedos em que estam situados nam teriam mais portas dentro dos muros.» (Tomo XXXIV, fl. 983).

456. Serpa (Alentejo)

Inscrição romana

«Indagando as couzas notaveis desta villa, que mais se podem admirar achamos ser Serpa muito antiga De muitas evidencias consta esta antiguidade, sendo a mais demonstrativa hum cipo, que nota Fr. Bernardo de Britto, e traz Resende no Liv. 4. pag. 19 e. que diz expressados os breues de caracteres antigos na Lingua Latina¹:» (Tomo XXXIV, fl. 1016).

457. S. Bartholomen da Serra (Alentejo)

Denominação geographica

«Está situada em hum pequeno Tezo entre terras planas donde se descobre o convento de frades de S. Francisco da Villa de Menejana e seu castello, e o santuario de N. S.^{ta} do Castello da Villa de Aljustrel». (Tomo XXXIV, fl. 1037).

458. S. Francisco da Serra (Alentejo)

Mina de prata e chumbo

«Para a parte do norte em distancia da Igreja da minha freguesia se abrio huma mina de prata e chumbo de que ha noticia se abryo

¹ Corp. Inscr. Lat., II, n.º 971.

no reynado do Sr. Rey D. João o Quinto alias do Sr. Rey D. Pedro Segundo e se fecharão no tempo do Sar. Rey D. João o quinto». (Tomo XXXIV, fl. 1045).

459. S. Simão da Serra (Alemtejo)

Grotta da Falsa

«Ha nesta serra (*de S. Miguel*) hum buraco chamado da Falsa tem este sua entrada pella parte do poente, e se dis ter de comprimento meyo quarto de legoa, em cujo se acham varios lugares em forma de salas com boa formalidade, sem duvida feytas por arte, e as passages de humas a outras salas em partes tam estreitas que apenas cabe huma pessoa, nam consta se lhe chegase ao fim porque o temporal com suas roinas lhe tem embaraçado a passage thé o fim que parecesse se encaminha as portas do Rodam. Ao longo desta se acha hum citio chamado Conhal, porque no mesmo se não acha mais do que pedras de que abaxo se falará¹». (Tomo XXXIV, fl. 1070).

460. Serra do Bouro (Estremadura)

Ponte Santa

«Junto ao mar que dista desta Freguesia meyo quarto de Legoa ha uma fonte chamada a Fonte Santa por constar por tradição que a Imagem de N. Senhora dos Martyres, orago da Freguesia fora ali achada sobre hum penedo, que ainda existe ao pé da mesma fonte com o feitio de altar». (Tomo XXXIV, fl. 1080).

461. Setubal (Estremadura)

A Troia

«Esta esta vila fundada, em huma ensiada que forma o Oceano onde se mete nelle o rio Sado, foi antiguamente asentada Setubal no citio a que hoje chamão a Troya». (Tomo XXXIV, fl. 1107).

462. Silva (Entre-Douro-e-Minho)

Castello. — Cova da Moura

«Ha nesta freguesia porem hum castello ou Torre antiga do Conde de Priegue do Reyno de Galiza, a qual me informão ser reedificada de hum cunhal haverá sassenta ou satenta annos. Não tem mais que

¹ Esqueceu-se, porém, de fazer a narrativa.

as paredes e por dentro signaes de que teve tres sobrados com bastante capacidade para se habitar nelles. Etc.»

«Ha nesta freguezia entre o Monte da Rinhanha e do São Sebastião da Inculca hum buraco onde nasce agoa que sahe a um ribeyrinho, ou rego junto do qual está a entrada da tal coua a que comumente chamão a Cova da Moura, foy feita por arte e corre por bayxo da superficie da terra. Dizem-me tem alguns pertendido examinalla dentro e que aterrados de hum soido se retiraram (será o soido da agoa que por ella corre) e fugirão sem se atreverem a entrar mais dentro. Dizem sabe a hum alto de hum monte de Cossourado do Concelho de Coura visinha desta freguesia. Outros dizem que mais longe». (Tomo XXXV, fl. 1205).

463. Silva¹ (Entre-Douro-e-Minho)

Calice de prata milagreoso

«Não ha notavilidade nesta freguezia que possa expender e somente hum Calix de prata de feitio antiquissimo e desusado assim na copa, como no pé e baixo, o qual applicado a opilações e inflamações pella merce de Deos experimentão os necessitados conhecidas melhoras e de facto de toda esta Provincia e do Reino de Galliza he pertendido para o remedio de que recebe varias esmolos applicadas para a confraria do Santissimo Sacramento. A sua tradição he tão antiga como ridicula porque se não diz mais que ser tirado a huns fantasmas de noite por hũ laurador desta freguesia e não tem nem lhe dão outra sahida politica». (Tomo XXXV, fl. 1208).

464. Silvelros (Entre-Douro-e-Minho)

Sytaina e Campo do Ouro

«Junto a dita Ermida (de N. Senhora do Sacramento) está hum pedasso de terra cham cercado de fortes feitos antiguamente de terra e ha indícios de que houve nelle castello e casas de que inda apparecem liecerses e se tirão delles pedras labradas de pico e muito tijello e telhas quebradas, e por comua tradissão destes pousos dizem habitarão neste sitio os Mouros e chamaão a este sitio a Cidade de Sitania ou Sytaina e o Campo do Ouro e inda hoje muitas pessoas lhe chamão assim e deste Monte não sei nem alcanse cousa mais algũa das contheudas no interrogatorio nem dignas de Memoria». (Tomo XXXV, fl. 1269).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ Comarca de Valença.

1844

1844

1844

1844

1844

1844

1844

1844

1844

1844

1844

EXPEDIENTE

O Archeologo Português publicar-se-ha mensalmente. Cada número será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

Anno.....	16500 réis.
Semestre	750 „
Numero avulso.....	160 „

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

Toda a correspondencia á cêrca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a BIBLIOTHECA NACIONAL de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá, acompanhada da importancia em carta registada ou em vales de correio, ser dirigida a Manoel Joaquim de Campos, MUSEU ETHNOLOGICO, Belem (Lisboa).

À venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.